



Vaga - Lume

Silvia Cintra Franco

CONFUSÕES & CALAFRIOS



ea
editorgrafica

Silvia Cintra Franco

CONFUSÕES & CALAFRIOS

Série Vaga-Lume

Editora Ática

3ª edição, 1996

Editor:

Fernando Paixão

Assistente editorial:

Carmen Lucia Campos

Preparação dos originais:

Renato Nicolai

Suplemento de trabalho:

Heidi Strecker Gomes

ARTE

Editor:

Ari A. Normanha

Capa e ilustrações:

Bilau

Diagramação e arte-final:

Antonio Ubirajara

Composição e paginação em vídeo:

Carla Narvaes Ricci

Edilson Batista dos Santos

e-Book:

Digitalização: Airton Simille Marques

Enviado por: The Flash

Formatação e ilustração: SCS

Sumário

Um convite para Confusões & Calafrios.....	4
1. A Surpresa	6
2. O Grande Dia	7
3. O Sono Da Morte	10
4. O Dia D.....	12
5. O Grande Plano.....	14
6. O Plano Em Ação	15
7. A Nova Escola	18
8. Espionagem Industrial	23
9. A Saga Dos Pioneiros.....	26
10. Um Forasteiro Muito Esquisito	29
11. Um Fantasma Na Sala	30
12. Telefones Grampeados.....	33
13. A Perseguição	35
14. O Espião	38
15. Um Grito De Pavor.....	41
16. "Seu" Hans é Envenenado	42
17. Arsênico Nos Bombons	45
18. Atrás Da Prova Do Crime.....	48
19. Aaaaaaaaai!!!	50
20. Tina Consegue o Emprego.....	51
21. Cheiro De atentado No Ar	53
22. Vontade De Dizer Não	57
23. Charlotte é a Primeira Suspeita.....	59
24. Marcados Para Morrer	62
25. Para o Aeroporto!.....	66
26. A Amiga da Minha Irmã	68
27. O Que Você Está Fazendo Aqui?	70
28. Vocês nos Devem uma Explicação!	71
29. O Inimaginável Acontece.....	73
30. O Plano Do Mozart	75
31. Os Melhores Da Classe.....	77
32. A Missão Da Tina.....	80
33. A Saída De Emergência	81
34. A Conexão Nebulosa.....	84
35. Caça Ao Espião.....	87
36. A Revelação.....	91
37. Conexão Infernal.....	93

Um convite para Confusões & Calafrios

Em minhas andanças e conversas com meus leitores e leitoras, há uma pergunta que inevitavelmente me faz hesitar: qual o livro que mais gostei de escrever?

Pois bem, a partir deste, não caberá mais a velha hesitação. Quantas vezes, enquanto estava à frente da tela do computador, buscando as palavras certas, o riso explodiu alegre e inesperado. Confesso que eu mesma me divertia muito com as confusões provocadas por Tina e Mozart, e pelos calafrios que eles mesmos passavam, junto com a pequena Fafá.

O prazer maior neste livro foi criar a comédia a partir da aventura. Ou será que foi a aventura a partir da comédia? E houve emoção também. A emoção de escrever uma história sobre a imigração alemã no sul do país, sendo eu mesma neta de imigrante. Minha avó Carlota chegou no Brasil ainda menina, por volta de 1900, com os pais, provenientes do Tirol, Áustria. Viveram aqui inúmeras dificuldades, a tragédia de um incêndio e a morte de minha bisavó por melancolia.

Outra emoção foi realizar a pesquisa de campo em Blumenau, uma cidade bonita no Vale do Itajaí. Lá, voltei a saborear o *streuselkuchen*, o *cuca*, um bolo alemão que minha mãe costumava fazer nos sábados à tarde, após uma semana inteira de trabalho num laboratório. Como a Helena deste livro, além de dedicada à química, ela era uma mulher sábia.

Para quem não sabe, ao escrever meus livros, costumo realizar pesquisas de campo: são a parte mais gostosa e divertida. Todos os livros que publiquei na Série Vaga-Lume me deram esse prazer: para criar *Aventura no Império do Sol*, visitei Macchu Picchu, a cidade perdida dos incas, no Peru. *Na Barreira do Inferno* deu-me a oportunidade de visitar as dunas brancas e altas de Natal, no Rio Grande do Norte. E *O desafio do Pantanal* me levou para os campos pantaneiros cheios de pássaros, jacarés-de-papo-amarelo e veados-campeiros.

Quero agradecer a Marcia Motta as sugestões e comentários valiosos e a Denise Azevedo de Faria o olhar crítico e as oportunas observações.

Em Blumenau contei com a inestimável colaboração de Sueli Petry, diretora do Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva", que me proveu da necessária bibliografia, na qual me fundamentei para escrever o capítulo *A saga dos pioneiros*. As histórias ali narradas são verídicas e retiradas das memórias de Max Brueckheimer, publicadas na revista *Blumenau em*

Cadernos, de outubro de 1969. Informações sobre a imigração alemã foram obtidas na obra de J. J. Von Tschudi e dados sobre os clubes de caça e tiro, em obra de mesmo título de Sueli Petry.

Finalmente, fica um agradecimento carinhoso ao Aramis e à família de Anne Lia Fadi e Ditmar Schaldach, que me acolheram tão calorosamente e me levaram a um Baile da Rainha do Tiro, em Massaranduba, onde dancei e me diverti a valer.

Desejo que você tenha tanto prazer ao ler este livro quanto eu tive para escrevê-lo. Uma boa risada faz bem a todo mundo.

Silvia Cintra Franco

À Anna, minha mãe,
in memoriam

1. A Surpresa

Foi numa terça-feira de junho que a minha mãe veio com a notícia, agitando na mão um papel:

— Fafá, está vendo este telegrama? Adivinhe que boa surpresa ele nos traz.

Eu fiquei pensando nas boas surpresas que eu gostaria que ela me trouxesse, com ou sem telegrama. Por exemplo, minha mãe podia mudar de idéia e me deixar ter um gatinho, que brincasse com novelo e bolas como o da Priscila. Ou então me tirar daquela escola chata. Ou convencer meu pai a me matricular no judô. Mas nenhuma dessas surpresas seria tão boa quanto a de arrumar um quarto só para mim. Sem a Tina, a minha irmã mais velha, dentro dele.

Não que eu não goste dela. Eu gosto. Mas ela é muito bagunceira. E um pouquinho maluca. Se eu fizesse apenas um tico do que ela faz, meu pai ia ficar uma fera comigo. Mas como ela é grande, ele deixa. Eu tenho 12 anos e ela tem 21. E é amiga da Priscila, aquela que tem o gatinho. E sempre apronta alguma quando está com o nosso primo Mozart. O Mozart é roqueiro e trabalha no mesmo lugar que a Tina. Não sei como o patrão deles agüenta os dois juntos. Mas nada disso é tão terrível quanto o Teco.

O Teco é o meu irmão menor. Ele tem três anos e é tremendo. Eu preciso esconder todas as minhas canetas coloridas dele. E as minhas revistas também. Ele adora rabiscar. Infelizmente nenhuma dessas coisas se resolvem com um telegrama.

— Então, Fafá? Se não adivinhou, eu vou contar!

Cruzei os dedos e fechei os olhos, torcendo para que pelo menos uma dessas coisas acontecesse.

— Nós vamos mudar!

— De casa? — perguntei, sonhando com um quarto só para mim.

— Mais ainda. De cidade e de estado! — disse minha mãe com um sorriso de dar gosto.

— Nós vamos deixar São Paulo?!

Como a minha mãe não gosta muito de mudanças, fiquei desconfiada.

— E sua mãe vai voltar a trabalhar!

— Uau! — gritei. Das mães dos meus colegas, a minha era das poucas que não trabalhavam fora.

— E quem vai tomar conta do Teco? — me preocupei, cruzando ainda mais os dedos. Só me faltava esta: cuidar do Teco!

— Rex cuida de mim — falou meu irmão.

Eu pus a mão na cabeça. Minha mãe não me deixa ter o gatinho por causa do Rex. Ela acha que um bicho para cuidar já é demais.

— Nós vamos mudar para Blumenau, em Santa Catarina! — anunciou minha mãe.

Blumenau é uma cidade que eu conheço só de fotografia. E parece linda. Quem vai para lá pensa que está na Alemanha, foi o que a Priscila me disse. Ela me contou que Blumenau era uma colônia de imigrantes alemães e tem esse nome por causa do seu fundador, o doutor Blumenau. Meu tio Raul trabalha lá, como químico numa fábrica de cerveja e refrigerantes.

— Seu tio Raul vai se aposentar e me indicou para continuar o trabalho dele na fábrica. É um cargo de confiança, porque o químico conhece as fórmulas para fabricar a bebida - explicou minha mãe.

— Fórmula? — perguntou o Teco. — O que é fórmula?

— É a receita, meu filho — esclareceu a mamãe —, e os donos pediram para ele indicar alguém. Seu pai conseguiu uma transferência no banco. O Teco irá para uma escolinha maternal e você para um novo colégio!

Foi assim que aquele telegrama resolveu tudo: em um mês mudamos de cidade e eu consegui tudo o que queria: mudei de escola, ganhei um quarto só para mim e uma gatinha linda que eu batizei de Juli. Tina e Mozart foram os padrinhos. E eu expliquei pra Juli que, se ela quiser continuar viva, vai ter que ser mais rápida que o Teco.

2. O Grande Dia

Nós nos mudamos durante as férias de julho. E eu estou gostando de tudo: das pessoas, do meu quarto só para mim e da vida calma, como diz papai. Só não sei como vai ser na escola, porque as aulas ainda não recomeçaram.

Nós fomos de carro, com o caminhão de mudança atrás. Blumenau fica num vale, o Vale do Itajaí. É um lugar cheio de verde, com montanhas, muitas flores e um rio bonito, o Itajaí-açu. Papai me contou que na época das chuvas o rio transborda pra valer. E muitas casas lembram construções alemãs, com floreiras na janela. A cidade é limpíssima e você não vê ninguém pedindo dinheiro na rua.

Quando papai precisou ir a São Paulo para acertar uns negócios, eu

quis viajar com ele para visitar a vovó, rever o Rex, que ficou na casa dela, e matar as saudades do Mozart e da Tina. Eu nunca pensei que ia sentir falta da bagunceira da minha irmã.

E São Paulo é uma delícia nas férias: a cidade se esvazia, o trânsito melhora e você consegue chegar depressa aonde quer.

Por isso cheguei mais cedo que o esperado no apartamento que a Tina e a Priscila dividem desde que nós mudamos.

Eu estava elétrica só de pensar que finalmente a Tina ia cumprir a promessa de me levar para conhecer a rádio onde ela trabalha. Eu sempre quis saber como é uma rádio por dentro. Deixei a casa da minha avó às cinco da tarde. Coloquei numa sacola plástica, dessas de supermercado, uma blusa de lã, uma calcinha e a escova de dentes.

— Isso não é lugar para se carregar roupa — disse minha avó. — Pegue uma das minhas maletas.

Respondi que não. Eu não queria chegar na casa da Priscila como quem vai de mudança. A Priscila é superorganizada e eu não quero que ela pense que toda a família é como a Tina.

A Priscila é mais velha que a minha irmã uns oito anos. A mãe dela é amiga da minha e a Priscila deu aulas de matemática para a Tina no colégio. Quando nós fomos para Blumenau, a Priscila convidou a minha irmã para morar com ela. Só não sei se a Priscila já está arrependida.

Toquei a campainha só uma vez e aguardei. Não gosto de fazer como o meu avô, que acaba de tocar a campainha e já começa a forçar o trinco da porta como se do outro lado houvesse alguém grudado, só esperando o sinal para abrir. Mas, como ninguém atendesse, fui obrigada a tocar outra vez e mais outra vez. Aí sim, me pendurei na campainha até que ouvi a Tina lá de dentro berrando "Já vai!".

— Ah, você! — foi o que disse quando me viu.

Algo naquele *ah* me incomodou.

— Você já esqueceu que me prometeu levar na rádio? Você até pediu para eu dormir aqui para não atrasar amanhã cedo — cobre.

Minha irmã coçou a cabeça.

— É que amanhã é o grande dia.

— Grande dia?

— Bem, já que você está aqui, jogue suas coisas no meu quarto e venha para a cozinha que eu lhe conto qual é a grande idéia — disse, sem notar meu saco plástico.

Eu adoro idéias e novidades. Coloquei tudo sobre a cama desarrumada da Tina e voei para a cozinha.



*Fafá se mudou com a família para Blumenau,
uma cidade cheia de construções alemãs.*

3. O Sono Da Morte

A Tina estava preparando um suco quando entrei na copa, ao mesmo tempo em que tocavam a campainha.

Era o primo Mozart.

— Está pronta para a grande chance de sua vida? — foi perguntando para a Tina depois de me estalar um beijo na face.

— Estou tão nervosa, Mozart. Acabei de telefonar para a Luciana e ela garantiu que vai fazer a parte dela no plano de amanhã!

Meu primo encheu um copo de suco, emborcou de uma só virada a bebida e limpou a boca com as costas da mão, do jeito que a minha tia detesta que ele faça. Eu quase falei isso para ele, depois desisti. Ele podia ficar bravo e não me contar o grande plano.

— E você — indagou Tina —, conseguiu convencer o Heitor a colaborar?

Mozart abanou a cabeça.

— Conseguir não consegui, mas vou dar um jeito, pode crer! — E, virando-se para mim, ele disse: — Fafá, amanhã é o grande dia, o dia D, o dia em que Tina e Mozart mostrarão ao mundo do que são capazes...

— Depois de nos ouvirem, vão nos contratar na certa!

*

Minha irmã trabalha na Musical FM como secretária. Ela tem que fazer de tudo: atender telefone, datilografar cartas, arquivar documentos e servir cafezinho. Ela não gosta muito desse serviço e não é só por causa do cafezinho, é porque o que ela mais quer é ser apresentadora de programa. Afinal, ela se formou em Comunicações para ser apresentadora e não secretária. Infelizmente, a única vaga na rádio era de secretária e a Tina aceitou, esperando uma chance.

O Mozart é tecladista da banda Abacaxis da Paulicéia. Quando ele se senta ao piano, todo mundo espera que saia música, mas o que vem é um barulho danado. É o que mamãe sempre diz. Mas eu não acho. Meu primo tem 18 anos, diz que está se preparando sozinho para o vestibular; não sei como, porque ele nunca estuda e quer ser DJ, *disc-jockey*. Ele também trabalha na Musical FM. Mas não de DJ. De *office-boy*. Foi o único lugar que deram para ele.

Meu primo sumiu em direção ao banheiro e quando voltou tinha um brilho suspeito no olhar.

— Achei o que vai fazer o Heitor colaborar! — falou ele enquanto

fechava a porta da cozinha para evitar a corrente de ar frio. E mostrou um vidro de leite de magnésia.

— O que você pretende com isso? — perguntou Tina.

— Vou colocar esta maravilha no chocolate que ele toma todas as manhãs no estúdio. Vocês verão que milagre. O único lugar que ele vai querer será o banheiro... E adivinha quem vai assumir o posto na mesa de som? — riu meu primo.

Eu tinha minhas dúvidas se isso ia funcionar. Mas não falei nada. Mamãe sempre diz para eu não me meter onde não sou chamada. Que eu saiba, esse tal de leite de magnésia não funciona muito bem, pelo menos com a vovó. É o que ela sempre diz.

— Vamos rever o plano! — comandou a Tina. — Às oito horas nós batemos o ponto. Às oito e dois minutos você passa na copa, pega com a "tia" o chocolate e leva para o Heitor. Às oito e vinte e cinco você telefona para o estúdio com voz de urgência e manda chamar a Luciana, dizendo que é caso de vida ou de morte.

O Mozart concordou e falou:

— Na hora que ela estiver saindo do estúdio, você, Tina, aparece como quem não quer nada e ela pede pra você ficar ao microfone no lugar dela!

Nesse instante Tina se jogou sobre a mesa redonda da copa, apanhou a colher de pau como se fosse um microfone e pronunciou numa voz caprichada e segura: "Musical FM, a sua rádio, apresenta... Recanto do Samba! Na sonoplastia...".

— Mozart! — gritou meu primo entusiasmado, sentando-se na frente do fogão. Em seguida colocou um prato como se fosse um disco numa das bocas do fogão, ajeitou a ponta do abridor de latas na beirada do "disco" e, girando os botões como um DJ, fez um sinal de O.K. para a "apresentadora" e começou a cantarolar a trilha sonora da abertura do programa.

— O Recanto do Samba é um programa oferecido por... por...

— Dorcay — lembrou meu primo.

— Por Dorcay, o remédio que leva pra longe a sua dor de barriga! — continuou minha irmã com ar experiente.

— E *agooooora* vamos abrir nosso programa com um samba de...

— De... — engasgou meu primo, que só entendia de rock.

De Ari Barroso! — completou Tina, levantando-se com a colher de pau/microfone na mão e fazendo trejeitos de sambista enquanto cantava a Aquarela do Brasil.

Mozart deixou de pilotar o fogão/mesa de som e ensaiou uns passos

espertos de sambista. Eu não tive dúvidas, agarrei uma panela e um talher e improvisei um tamborim. Até que senti um estranho cansaço, fui escorregando pela parede e me esparramei no chão.

Depois fiquei sabendo: fomos salvos pela Priscila. O Mozart saiu sambando e esqueceu de fechar os botões do fogão. Quando ela chegou, encontrou todo mundo meio dormindo. Como disse a Priscila, em pleno sono da morte!

4. O Dia D

No dia seguinte, levantei com a claridade entrando pela janela da sala.

— Tina, levante, está na hora! — chamei, sacudindo minha irmã pelo ombro.

— O despertador ainda não tocou, Fafá. Volte pro sofá e me deixe dormir — resmungou minha irmã.

Não que eu estivesse ansiosa, mas já era tarde. Chacoalhei minha irmã mais uma vez. É o único argumento que funciona com ela. Minha irmã abriu um olho na direção do despertador.

— Ainda são sete horas! — falou, escondendo a cabeça sob o travesseiro.

Eu me senti vencida e fui esperar na sala. Fechei o sofá-cama e me sentei, esperando que o tempo passasse. Na casa dormiam todos. Às sete e meia estrilou o despertador da Tina. Foi como se a vida retornasse ao planeta: num instante a casa começou a se movimentar. Dez minutos mais tarde, aparecia minha irmã:

— Vamos, Fafá!

— E o café da manhã? — eu quis saber.

— Ah, isso a gente toma no caminho. Não há tempo agora. E se você contar pra mamãe que eu não dei café pra você, nunca mais te convido pra dormir aqui, Fátima!

Sempre que me chamam pelo nome, eu já sei: o assunto é mesmo sério.

*

Nós encontramos o Mozart assim que descemos do ônibus.

— Olhem! — mostrava meu primo.

Eram três vidrinhos cheios de leite de magnésia.

— Acabei de reforçar meu estoque e dividi o leite nesses vidros

menores para não dar na vista!

A Tina achou ótima a idéia. E o Mozart comentou:

— Quero só ver o Heitor, com aquele ar emproado, abandonar a mesa de som para ir ao banheiro!

Fiquei com pena do moço. Três vidrinhos de leite de magnésia é para borrar qualquer um!

*

Mozart e Tina bateram o ponto enquanto eu esperava junto do balcão a vez de ser atendida.

Uma senhora alta e com jeito de professora estava na minha frente. Ela teve que mostrar a carteira de identidade e dizer que ia para o programa de entrevistas. Fiquei toda preocupada. O que eu ia dizer para o vigilante? Que eu vinha para ver o grande plano? E se ele quisesse saber o que era isso? Mas logo chegou a Tina e ele me deixou entrar sem exigir documento de identidade e nem saber o que eu ia fazer lá. A Tina me disse que era porque eu estava com ela. Acho que a minha irmã é importante mesmo.

Em seguida subimos por uma escada longa e apertada. Eu pensava que uma rádio era um lugar grande, como os não sei quantos quilohertz que todas as rádios fazem questão de anunciar. Mas não. É uma porção de salas e salinhas, unidas por corredores sem fim.

O estúdio é uma decepção: uma sala pequena com uma mesa e um microfone e duas janelas largas e compridas. Uma que dá para o corredor e outra que dá para a sala de sonoplastia. É ali que fica o Heitor, aquele que vai engolir sem saber o leite de magnésia do Mozart.

A Tina me levou para a sala da secretária. Nem bem entramos, um homenzinho meio careca e com ar enfezado saiu de uma porta lateral:

— Dona Ana Cristina, dez minutos de atraso outra vez! Assim não dá.

Minha irmã corou. Eu fui para a janela pra disfarçar. Aquele devia ser o chefe chato e mesquinho de quem ela sempre reclamava.

Depois de algum tempo eu já estava cansada de ficar sentada, enquanto minha irmã remexia gavetas e arquivos e o "seu" Ivo, o chefe, vinha a toda hora ver se ela estava trabalhando. Nem a minha professora de matemática é tão implicante.

— Posso andar por aí? — perguntei.

— Claro. Mas não entre nos estúdios quando a luz vermelha estiver acesa, Fafá. Isso significa que os microfones estão abertos e qualquer coisa que se diga vai para o ar, para todos os ouvintes.

5. O Grande Plano

Zanzei pelos corredores metendo o nariz em tudo quanto era canto, espiando o que havia dentro dos estúdios e salas de gravação. Até que me cansei e decidi voltar. Foi então que descobri que estava perdida.

Eu me lembrava de ter saído da sala da Tina, seguido pelo corredor e subido uma escada. E lá em cima eu tinha virado à direita. Ou foi à esquerda? Não sei. Sabia apenas que estava perdida. Por mais que eu andasse, subisse ou descesse, sempre apareciam corredores novos e salas diferentes. E ninguém para me ajudar.

Achei que ia passar o dia assim, perdida. E ia perder a oportunidade de ver o que eles, a Tina e o Mozart, iam fazer. Quando eu começava a desanimar dentro daquele labirinto, ouvi vozes.

Era a copa. Um fogão, uma geladeira e um alto-falante onde se podia ouvir o que estava tocando na rádio. A encarregada era uma mulher baixa e gorda que enxugava as mãos no avental a toda hora. A outra pessoa era uma moça morena de cabelos puxados para trás. Quando me viram, fizeram um ar de espanto. Acho que não estão acostumadas a ver meninas na rádio.

— Quer um copo de café com leite? — me perguntou a "tia". — Você está com cara de quem está com fome.

— Eu estava perdida — contei, me sentando num banquinho. — Eu sou irmã da Tina.

— Ah — fez a moça morena. — Eu sou a Luciana e esta é a "tia" Benê.

— Você é a apresentadora? — me animei.

A moça confirmou num sorriso. E saiu me deixando na copa com a "tia".

Enquanto eu me servia do café com leite e pão com manteiga que a "tia" me deu, o Mozart apareceu todo nervoso.

— "Tia" — falou ele — já está pronto o chocolate do Heitor? — E me descobrindo sentada a um canto exclamou:

— Fafá! Você aqui? — Em seguida voltou a cobrar o copo de chocolate, enquanto piscava para mim.

— Não precisa se preocupar, menino. Me sobrou um tempinho de manhã e eu já levei pro Heitor. Mas se você quiser me ajudar mesmo, pode me trazer o copo vazio.

Meu primo ficou mudo como rádio fora do ar.

— Por que a senhora foi fazer isso, "tia"? Justo hoje — reclamou. E saiu correndo, deixando a "tia" sem entender nada.

Fui atrás. Encontrei meu primo encostado na parede, com ar atrapalhado.

— E agora? — perguntei.

— E agora, eu é que quero saber.

— Mozart, vai ver que ele ainda não bebeu tudo — falei tentando ajudar.

Meu primo sorriu animado.

— Boa idéia, Fafá, vamos ver! — me convidou.

Subimos duas escadas e entramos por um corredor que saía da última. Junto à terceira porta, meu primo parou, colou-se na parede e foi avançando pé ante pé. Fiz igual. A porta estava aberta e a sala iluminada.

Meu primo arriscou um olho para dentro. E tratou de me puxar para longe dali.

— Ele só bebeu um pouquinho — me disse. — Hummmmm... Tenho uma idéia e você vai me ajudar! — sussurrou.

Protestei. Sempre achei uma loucura o que eles queriam fazer.

— Psit! — E meu primo colocou um dedo sobre os lábios.

— Não e não — recusei em voz baixa. E ainda fiz um montão de gestos que só não entende quem não quer ver. Era o caso do meu primo.

— Você tem que me ajudar, Fafá. É a minha grande chance. Por favor, pelo amor de todos os santos! Você não vai fazer isso com o seu primo mais bacana!

— Vou sim — fui logo avisando.

Mas o Mozart fez uma cara de triste que me comoveu. Detesto ver gente grande desse jeito.

Meu primo me cochichou tudo no ouvido. Achei que era uma loucura.

— Não vai dar certo — preveni.

— Vai dar, sim. É supersimples. Pode confiar!

Eu gostaria de ter a mesma certeza que o Mozart quando ele inventa esses planos.

6. O Plano Em Ação

O plano parecia simples: eu distraía o Heitor enquanto meu primo despejava o leite de magnésia no copo.

— Oi — fui falando pro Heitor ao entrar na saleta.

O copo estava bem do lado dele. E já meio pela metade. Mozart havia me pedido para fazer charme.

— Que legal! — exclamei, admirando o que ele fazia. Minha avó Albertina sempre diz que o melhor charme que se pode fazer para um homem é deixar ele pensar que é o máximo. E funcionou: o moço se desmanchou num sorriso.

O Heitor me mostrou para que servia cada botão, rodou a prateleira giratória com os *spots* comerciais e a de *compact-discs*. E me ensinou como colocar a agulha nos discos sem arranhar.

Eu ia soltando exclamações como se fosse uma dessas heroínas bobas de cinema. Eu não gosto de me fazer de tonta, mas tinha prometido ajudar. E o Heitor estava feliz, acreditando. Enquanto isso, o Mozart entrou nas pontas dos pés e agarrou o copo de chocolate.

— Epa! O que você está fazendo aqui? — o Heitor gritou para o Mozart. Eu fiz de conta que não conhecia meu primo. Lá se ia por água abaixo o plano.

O Heitor se levantou da mesa para agarrar eu não sei se o copo ou o meu primo, mas perdeu o equilíbrio e, antes de cair, esbarrou numa pilha de discos que, zás, se inclinou perigosamente como aquela torre famosa, a de Pisa. O Heitor tentou se erguer, enquanto dizia um montão de palavrões. A maioria eu conhecia. E foi aí que aconteceu: a torre de Pisa de discos veio abaixo, como jogo de dominó, despencando sobre a mesa e se espalhando até bater no copo de chocolate que, plaf, foi ao chão.

— Seu desastrado! — berrou o Heitor. — Olha o que você fez! Os meus discos, sujos de chocolate! — gritou.

"E magnésia também", pensei.

O Mozart tratava de limpar tudo, gaguejando mil desculpas.

— E agora, seu imbecil, só por isso você vai ter que me trazer outro copo de chocolate! — ordenou o Heitor.

Meu primo saiu com um ar esquisito que eu achei que fosse de desapontamento. O Heitor teve que se ocupar em colocar no ar um *spot* comercial. E eu resolvi ir embora antes que ele ficasse bravo comigo também.

Não demorou muito para que eu estivesse perdida outra vez. Abri a primeira porta, pronta a pedir socorro. Era a do chefe da minha irmã. Fechei-a rapidamente, mas ainda a tempo de ouvir:

— Dona Ana Cristiiiiinaaaaaa!

Dali a instantes, minha irmã apareceu no corredor à minha procura.

— Não é bom ficar por aqui, Fafá. Venha comigo.

E me levou para a sala de rádio onde estava a Luciana, que se preparava para entrar no ar e anunciar o próximo programa.

Do outro lado do vidro, eu pude ver meu primo, entrando e depositando todo humilde o copo de chocolate junto do Heitor.

O moço nem olhou para o Mozart. Estendeu a mão para o copo e emborcou tudo garganta abaixo. Será que tinha sobrado magnésia para colocar no segundo copo?

Sentei-me quietinha numa cadeira no canto da sala. Entrava no ar o anúncio do Dorcay, o patrocinador do Recanto do Samba. O relógio da parede apontava nove horas e um minuto quando a luz vermelha do estúdio se acendeu, avisando que o programa estava começando, e o Mozart abriu a porta e berrou:

— Luciana, telefone do hospital urgeeeente pra você!

A Luciana mostrou a luz acesa para o meu primo. Ele pôs a mão na cabeça aflito. A Luciana parecia confusa entre ir e ficar, e o Heitor do outro lado gesticulava histérico prevenindo que estávamos no ar. A amiga da Tina não conseguia se decidir se saía ou não da sala. Eu podia ver minha irmã com a cara na janela de vidro do corredor, fazendo sinais para a outra sair. Finalmente, como a Luciana não tomasse qualquer iniciativa, minha irmã entrou sem perceber que o microfone estava aberto.

— Luciana! Tem uma chamada urgentíííissima do pronto-socorro para você!

Meu primo deu-lhe um cutucão mostrando a luz vermelha.

O Heitor já esmurrava o vidro de tanta raiva. Minha irmã deu um empurrão na Luciana e apoderou-se do microfone da apresentadora e, na sua voz mais bonita, anunciou:

— A Musical FM apreseeeeeenta... o RECANTO DO SAMBA!

A Luciana acabou se decidindo e saiu da sala. Nesse instante eu vi o Heitor se dobrando numa careta. O prefixo do programa ia pela metade quando percebi que mais caretas de dor vinham do outro lado do vidro. E aí começaram caretas de aperto junto com caretas de dor. Numa hora era de aperto, na outra de dor e depois outra de aperto e mais outra de dor. Lembrava desenho animado. De repente o Heitor deu um salto da cadeira e saiu feito doido. Do jeito que ele saiu, o Mozart entrou.

Do lado de fora, começou a juntar gente, outros radialistas e funcionários, até a "tia" Benê, que deve ter ouvido tudo lá da copa, veio para ver o que acontecia.

A música do prefixo tinha acabado. A luz vermelha da nossa sala

voltou a se acender: estávamos no ar. Fiquei bem quietinha.

— O Recanto do Samba é um oferecimento de... de...

Minha irmã parecia confusa, remexendo os papéis de Luciana, procurando o nome. Acho que deu branco de nervoso. O Mozart gesticulava. E falava numa voz sem som: "Dorcay", arredondando os lábios no *o* e arreganhando os dentes no *y*. Mas minha irmã procurando os papéis não via. Lá fora se podia ver todo mundo em coro repetindo numa voz sem som: "Doorcay".

Aflita com tanta aflição, fui até a Tina e cochichei: "Dorcay".

— O quê? — perguntou minha irmã, que não estava ouvindo bem de puro nervosismo.

Eu repeti. Ela me fez sinal de que não entendera. Daí não agüentei: peguei o microfone e anunciei: "Dorcay".

Meu primo fez um sinal de O.K. A nossa luz vermelha se apagou e o Mozart colocou a agulha no disco. Nós ficamos esperando o primeiro samba. O que veio foi um rock legal!

Foi quando do outro lado do vidro apareceu... o chefe da minha irmã. Ele entrou da forma mais estúpida e mexeu nuns botões sem sequer pedir licença para o meu primo. Depois agarrou o Mozart pela orelha e sumiu, puxando o meu primo. No instante seguinte, ele reapareceu — na nossa sala.

— Pode sair já daí, dona Ana Cristina. Vocês estão despedidos!

7. A Nova Escola

Quando soube da trapalhada do Mozart e da Tina, papai riu. Mas só no primeiro momento. Depois fechou a cara e passou um sermão neles.

— Foi falta de ética usar leite de magnésia para conseguir o que você queria, Mozart. Devia se envergonhar! Esse é o tipo de "esperteza" que está acabando com este país!

Eu não sei o que é essa tal de *ética*, mas o que eu entendi é que, se alguém não tem ética, devia pelo menos se envergonhar disso. E não adiantou o Mozart e a Tina dizerem que era só brincadeirinha...

Em seguida papai e eu voltamos para Blumenau. Eu me despedi deles meio triste. Acho que vou sentir saudades dos dois.

Na minha nova cidade, eu não tenho nenhuma amiga. Quando me sinto sozinha, vou para a Prainha e subo no Blumenau I, um barco antigo que eles tiraram do rio. Aí, se não tem ninguém olhando, faço de conta que sou o capitão do barco e que já está escuro e chove.



*Furioso, o chefe de Tina invadiu o estúdio
e agarrou Mozart pela orelha...*

Eu finjo que o rio está perigoso e eu preciso ir com muita coragem e cuidado porque no meu barco estão o Dr. Blumenau e os 17 imigrantes, e eles têm que chegar sãos e salvos para fundar a colônia de Blumenau.

A mamãe disse que quando começarem as aulas eu vou fazer muitos amigos.

*

Duas semanas depois que o Mozart e a Tina se tornaram os desempregados mais famosos da cidade, minha mãe anunciou que íamos ter convidados especiais para o aniversário dela, no próximo sábado.

— Falei com seu pai e ele achou a idéia muito boa. Vou convidar algumas pessoas lá da fábrica e os donos também: o "seu" Hans com os filhos, o Peter e a dona Charlotte...

Dei um salto da cadeira.

— Ah, isso não! — reclamei, enquanto meu irmão Teco corria pela sala gritando que ia haver festa.

Minha mãe ficou surpresa. Como se ela não pudesse imaginar a razão do meu protesto!

— Por que não? — quis saber.

Balancei a cabeça. Não sei como às vezes a minha mãe pode ser tão cega...

— O problema, mãe, é que a dona Charlotte é minha professora!

*

As aulas tinham começado na segunda-feira. E foi horrível. Se eu soubesse, não teria saído da minha antiga escola.

Tudo começou já no primeiro dia de aula. No café da manhã, meu pai inventou de querer me levar.

— Não precisa — eu disse, enquanto mastigava uma torrada.

— Não precisa — repetiu o peste do meu irmão, que agora deu para repetir tudo o que digo.

— Fafá, diga o que quiser, mas de boca cheia, não! — interrompeu minha mãe.

— De boca cheia não — repetiu o pestinha.

— Não amola, Teco — zanguei-me.

Meu pai não desistiu.

— Filha, a sua escola fica no meu caminho. Eu levo você.

— Não quero — falei.

— Não quer... — começou meu irmão.

Eu levantei o braço, decidida a descer a mão em cima dele. Ele se encolheu e fez cara de vítima.

— Teco, deixe sua irmã em paz — pediu minha mãe. E você, Fafá, seja mais paciente!

Suspirei fundo. Às vezes acho que ninguém me entende nesta casa. Será que não percebem que, se eu chegar no primeiro dia de aula com pai ou mãe do lado, todo mundo vai pensar que eu sou uma nenezinha? Foi um custo convencer meu pai a não me levar.

*

A primeira aula foi de geografia. E a professora era a dona Charlotte.

Quando entrei na sala, boa parte das carteiras estava vazia. Escolhi uma no meio: nem muito atrás, porque não gosto de bagunça, nem muito à frente, porque não sou a primeira da classe.

A sala foi se enchendo aos poucos. Todos alegres, voltando das férias. As meninas trocavam beijinhos e os rapazes davam socos nos ombros uns dos outros ou então aquele aperto de mão muito macho, com o braço levantado. Falavam das férias e me apontavam disfarçadamente como se eu fosse um extraterrestre. Bem, nem todos me apontaram: uma menina de rabo de cavalo fez que não me viu, esbarrou na minha carteira e derrubou meu estojo no chão. Eu me senti muito mal.

Dona Charlotte chegou. Ela é magra e alta. Bonita, mas meio brava. E deve ter uma porção de anos. Toda vez que olho para ela tenho a impressão de que já a vi, mas não sei onde.

— Quero que vocês se organizem em equipes para fazer um trabalho sobre o Pantanal — falou.

Num instante, estavam todos organizados. Eu não sabia em que equipe ia entrar. Como teria que tomar parte em alguma, lancei um olhar à espera de que alguém me convidasse. Mas fui, como diria minha mãe, solenemente ignorada.

— Queres fazer parte do meu grupo? — me convidou um menino com um jeito meio acaipirado.

Fiz que sim, agradecida.

Aqui, em Blumenau, as pessoas falam *tu* em vez de *você*. Eu já tentei imitar, mas não estou acostumada e me embaralho toda. Por isso, vou dizer como o meu avô: "Onde se lê *você*, entenda-se *tu*".

— Eu sou José.

— O Zelé que nunca vai ser Pelé — alguém zombou.

— Eu sou Fátima, mas pode me chamar de Fafá.

Alguém riu nas minhas costas.

— A equipe do Zelé agora tem Quaquá e Fafá.

Só mais tarde entendi o que eles queriam dizer. Nossa equipe se reuniu num canto da classe.

— Você deve ser o Quaquá — falei para o menino que José me apresentou.

— Nã-nã-não sou Qua-qua-qua. So-so-so-sou o Gus-gus-tata-vo.

Naquele dia voltei para casa e anunciei:

— Não vou mais para a escola!

Meus pais, que estavam lendo na sala, levantaram os olhos do jornal e do livro.

— O quê?! — disseram juntos, como se tivessem ensaiado.

— Eu também não vou mais! — animou-se Teco lá do seu canto.

Meu pai largou o jornal.

— Mas por quê, Fafá?

Minha mãe pôs o livro de lado e me olhou com um olhar de interrogação.

Eu não quis contar para eles. Nem sei se eles iam entender...

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou minha mãe.

Fiquei em silêncio. É muito complicado contar certas coisas para os meus pais.

Resolvi que ia conversar com a Tina quando ela viesse para o aniversário da mamãe. Tenho certeza de que ela vai me entender...

*

A Tina e o Mozart chegaram sexta-feira. Mas na sexta-feira a história que eu tinha para contar já era outra.

Na véspera, nós tivemos aula de educação física. E um jogo de basquetebol. E, como sempre, nenhuma das meninas queria me escolher. O professor precisou dizer para uma delas me receber na equipe D. Ela fez cara de resignada e eu fiquei calada, como toda a semana.

— Agora, vocês! — o professor comandou, apontando a nossa equipe.

Nós iríamos jogar contra a equipe A, que já tinha ganho todas as outras partidas. A capitã da equipe A é a Karen, a que no primeiro dia de aula fingiu não me ver e jogou o meu estojo no chão.

Entramos na quadra. As outras jogadoras, percebi, tinham

combinado não passar a bola pra mim. Eu continuava quieta, porque já tinha meu plano: voltar para São Paulo com a Tina e estudar na minha antiga escola. Por isso estava pouco me importando com aquele bando de enxeridas.

Mas claro, quando a jogadora é boa, a bola sabe, e acaba vindo direitinho para a nossa mão. Não demorou muito, eu já estava correndo para o garrafão: mirei no capricho e, zas, encestei. E, depois daquela, fiz mais um balaio de cestas. Foi um prazer derrotar a equipe da Karen.

Mas bom mesmo foi ver a Karen e as outras me convidarem para entrar na equipe delas, de basquete e de geografia. De repente, eu fiquei muito popular. E, como diz o Mozart, o sucesso é mais gostoso que sorvete de baunilha com calda de chocolate...

8. Espionagem Industrial

O sábado, aniversário da minha mãe, foi movimentado. Limpamos a casa e preparamos os pratos. Tinha um pouco de tudo: pasteizinhos, empadas, bolinhos de bacalhau e quibes. Só não tinha *kassler* e *einsbein* porque mamãe ainda não tinha contratado a Imgeborg, a empregada que faz os pratos alemães de que o papai tanto gosta.

— Hum, as empadinhas estão lindas! — dizia Tina.

— Deixa eu ver... — falou Mozart roubando uma das empadas do prato.

— Nada disso, tem que esperar! — repreendeu Tina, dando um tapa na mão ladrona do Mozart.

Acho que o tapa foi mais forte do que deveria, porque a empada deu um salto e foi se espatifar em mil farelos no tapete da sala. Tina saiu correndo atrás de uma vassoura.

Trrrrrimmmm. Era a campainha anunciando a chegada das visitas. Minha mãe lançou um olhar para o tapete sujo e outro para a porta de entrada, sem saber o que fazer.

— Deixa com a gente, tia! — gritou o Mozart.

Minha mãe decidiu confiar nele e foi atender a porta. No meio do caminho, entre os farelos da empada e a porta, ela deve ter mudado de idéia:

— Fafá, ajude o seu primo, rápido! — me pediu. Eu fui.

O Mozart estava recolhendo farelo por farelo e colocando na palma da mão. Entre seus dedos ia caindo o farelo que ele havia juntado um segundo antes. Aquilo ia demorar a vida toda. Catei o jornal que estava

na cesta de revistas e arranquei uma folha.

— Pegue isto, Mozart, e coloque os farelos aqui — falei para ajudar o meu primo.

A Tina voltou.

— Não achei a vassoura — disse enquanto se agachava ao nosso lado e nos ajudava na catanção de farelo.

Até o Teco veio ajudar.

— Epa, olhe só — falou minha irmã, dando um peteleco numa azeitona preta que estava em cima de uma manchete: "Espionagem industrial: perigo e realidade". A azeitona rolou para o meio da sala. E as visitas já entravam. Eu corri atrás da azeitona. Quando me levantava do chão, minha mãe me chamou:

— Deixem-me apresentar-lhes minha filha Fátima, a Fafá.

Foi um segundo: eu olhei para a azeitona gorda e preta no meio da palma da minha mão e depois para as visitas que se aproximavam. E como não havia mais tempo, tratei de esconder a azeitona bem escondida na minha mão. Mas devo ter apertado demais, porque senti um fiozinho de gordura escorrendo nos meus dedos.

De repente eu estava cercada de gente grande. Todos me olhando curiosos, com um sorriso bobo nos lábios. Não gosto quando minha mãe inventa de me apresentar para os amigos dela, porque todos falam a mesma coisa:

— Como é grande! Já uma mocinha! — exclamou uma mulher magra, muito mais velha que a dona Charlotte, de pernas muito finas e bengala. Era a dona Josefina, a secretária do escritório da fábrica.

Os outros eram o "seu" Hans, o dono da fábrica, tão velho que já estava devendo cemitério, como disse o Mozart depois (o Mozart tem cada uma!). E os filhos também vieram: dona Charlotte, minha professora, e o Peter.

Dona Charlotte me deu um beijo e eu senti que um vermelhão subia pelo meu rosto. O Peter me estendeu a mão. Eu fiquei um instante olhando aquela mão grande e branca, pensando na azeitona engordurada que eu tinha na minha. A mão estava ali, grande e limpa, esperando. Não teve jeito.

Troquei rapidamente a azeitona de mão e estendi a direita. Peter, que sorria, deve ter sentido a gordura da azeitona, porque ele parou instantaneamente de sorrir. Em seguida, pegou um lenço no bolso e, quando ia limpar a mão, meu pai apareceu com a dele já estendida.

— Sou Gilberto, marido de Helena. Como vai, Peter?



*Cercada de gente grande,
Fafá tratou de esconder a azeitona bem escondida na mão.*

Peter não teve outro jeito senão apresentar a mão engordurada para o meu pai. Quando eu vi, o sorriso do meu pai foi embora. Imediatamente o "seu" Hans estendia a mão para o papai, seguido por dona Josefina e dona Charlotte. Num minuto a gordura da minha azeitona já tinha passado como gripe para a mão de todos. Minha mãe ficou sem entender por que de repente todo o mundo quis ir até o banheiro.

9. A Saga Dos Pioneiros

Tirando o caso da azeitona, a festa foi um sucesso. Vieram o tio Raul e a tia Amélia e os outros convidados. Minha mãe pôs logo o Teco para dormir e não deixou o Mozart chegar perto do piano.

Quando já era tarde e os convidados tinham ido embora, com exceção dos donos da fábrica e dos tios, "seu" Hans pediu licença para fumar um charuto e papai ofereceu-lhe um conhaque.

O "seu" Hans é um velhinho engraçado, magro, careca no cocuruto e cabelo branco nos lados. E é guloso. Atacou os brigadeiros como se fosse o Teco. Foi no segundo cálice de conhaque que ele ficou sentimental.

— Raul, só você sabe o quanto essa cervejaria representa para mim...

Meu tio Raul fez que sim com a cabeça.

— E sabe como tudo começou... — continuou o "seu" Hans.

Meu tio concordou com a cabeça outra vez. Mas o "seu" Hans fez que não viu. Devia estar louco para contar a história de novo.

— Tudo começou com...

— Todos já sabem, pai — cortou dona Charlotte, tentando evitar que ele repetisse a história.

O "seu" Hans fez um ar tão desconsolado que eu pensei que ele ia chorar. Morri de pena.

— Conta! — pedi.

Na mesma hora a dona Charlotte me lançou um olhar de nota zero.

— Você quer mesmo saber?

— Quero — respondi com a minha voz mais firme.

— Pois é uma história muito bonita. A minha filha Charlotte pensa que eu vou falar da cervejaria, mas vai ter uma surpresa — ele disse, me

piscando o olho. — Vou contar do meu avô Jacó, que veio criança da Alemanha para o Brasil. Devia ser pouco mais velho que você, Fafá. Isso foi em 1858. Veio com os pais e as irmãs e levou 96 dias de viagem de veleiro. Eram tempos difíceis: os imigrantes tinham que abrir a floresta, construir a própria casa, enfrentar os bugres, os animais perigosos e as aves de rapina que lhes roubavam a criação de galinhas.

— Bugres? — eu perguntei.

— Bugres são os índios selvagens. Eles atacavam os colonos, suas famílias e suas plantações — falou tio Raul.

— Mas estavam defendendo as terras e as florestas nas quais eles viviam — completou dona Charlotte.

— A verdade é que o Império vendeu parte e doou outro tanto de terras para os imigrantes ali se estabelecerem. E fazia isso sem consultar os primeiros moradores, os índios.

"Seu" Hans bebeu um gole de conhaque.

— O meu avô me contou que uma vez ele estava derrubando a capoeira e foi atacado por uma cobra. Isso foi um pouco antes da Guerra do Paraguai. O meu pai e outros alemães foram como voluntários para lutar pelo Brasil... Mas, eu ia dizendo, ele foi atacado por uma jararacuçu. Meu avô, para se defender, segurou a cobra pelo pescoço. E o bicho, enraivecido, se enroscou tão forte em seu braço que ele teve que segurá-lo também com a outra mão!

Nesse ponto, "seu" Hans parou para tomar mais um gole. Ninguém falava nada, O Mozart, então, nem respirava. Parecia que estava vendo o avô do "seu" Hans ali na frente, todo enroscado com a cobra.

— E com a cobra agarrada nele — continuou "seu" Hans — meu avô tomou o caminho de casa. Chegando lá, meu tio Max teve que torcer o pescoço da cobra para poder desenrolar a fera do braço do meu avô...

— Puxa! — era o Mozart, respirando aliviado. — Imagina se outra cobra ataca o seu avô no caminho. Não ia haver mão pra tanto pescoço!

Morri de vergonha. Só o Mozart para falar uma coisa dessas. Mas o "seu" Hans riu.

— "Seu" Hans, essas histórias dão um filme! Imagine só — falou a minha irmã com aqueles sintomas de animação que fazem mamãe tremer.

A Tina se levantou, abriu os braços como se abrisse uma tela em *cinemascope*:

— "A saga dos pioneiros" — anunciou em voz *stereo*. E depois, aproximando-se do "seu" Hans com as mãos fazendo uma tela como se fosse diretora de cinema, concluiu: — Eu abriria o meu filme com a sua

voz em *off* e em seguida apareceria o senhor, sentado aí nessa cadeira. O que você acha, Mozart?

— Maravilha! — respondeu meu primo. — Deixa a trilha sonora comigo.

— Talvez dessem um bom filme — disse "seu" Hans — mas o que vai dar novela, eu sei. Gilberto, você que é gerente de banco, o que acha? Parece que há gente interessada em minha cervejaria. E são fábricas das grandes.

Meu pai fez um ruído muito parecido com hum-hum, o que significa simplesmente que ele não acha nada enquanto não explicarem melhor.

"Seu" Hans continuou:

— A Schmidt é uma excelente cerveja, nosso malte vem da Bavária e a cervejaria, apesar de pequena, é um bom negócio. E o nosso guaraná está muito bom. Não sem razão a concorrência está de olho em nós...

— Mas tem um problema, pai — cortou o Peter. — O senhor está velho, e Charlotte e eu não estamos dando conta da administração da fábrica. A verdade é que o mercado é muito competitivo e nós teremos que tomar uma decisão: vender a fábrica ou modernizá-la, para não correremos o risco de perder tudo. A concorrência está muito forte.

"Seu" Hans balançou a cabeça.

— Este foi sempre o meu sonho. Fabricar uma boa cerveja. Uma cerveja tão boa que é o meu orgulho — falou "seu" Hans, puxando os erres com aquele sotaque de quem tem uma batata quente na boca. — Eu não pretendo mexer na fábrica.

Peter olhou para o meu pai:

— Pessoalmente, considero a venda da fábrica uma idéia interessante e acredito que Charlotte também.

— Charlotte, o que estou ouvindo?! — interrompeu o velho. — É verdade?

— Ahn... é... é nã-nã-nãoo... — a minha professora gaguejava como o Quaqué da minha equipe de geografia.

— Não o quê?! — "seu" Hans lançou um olhar sobre ela que bem valia por uma torcedura de pescoço de cobra. Ele se zangou como se ela fosse uma menina de doze anos como eu.

Dona Charlotte se embananou ainda um pouco mais e acabou dizendo para o pai que o que ele achasse estava bom pra ela. Morri de vergonha por ela. Eu não sabia que gente grande também tem medo dos pais.

10. Um Forasteiro Muito Esquisito

Na segunda-feira, à tarde, fui preparar o trabalho de geografia na casa do Quaqué.

Apesar de a Karen e eu pedirmos, dona Charlotte não me deixou mudar para a equipe dela. Mas nas outras matérias eu fiquei na equipe A. E a Karen prometeu que vai me levar no desfile da Oktoberfest para desfilar com ela num dos carros alegóricos. Estou doida de vontade.

A Oktoberfest é uma festa que dura nem sei quantos dias e todo mundo dança e bebe chope, mas a mamãe já disse que eu e o Teco só vamos tomar guaraná. E que ela vai me fazer um traje típico lindo.

Depois do almoço, saí para a casa do Quaqué. A verdade é que eu estou achando muito divertido estar na equipe do Zelé e do Quaqué. O Zelé é legal e inteligente. E o Quaqué, apesar de toda aquela gagueira, tem idéias ótimas. Quando estou com eles acho tudo muito bom. Só não posso contar isso para a Karen. A turma dela vive gozando do Quaqué e o Zelé e eu fico sem jeito para protestar e defender meus colegas. Tenho medo de que a Karen comece a gozar de mim também.

— Es-es-estou com uma fo-fo-fo-fome de chocolate! — falou o Quaqué fechando um livro sobre o Pantanal.

Os olhos do Zelé brilharam e eu senti água na boca. Adoro chocolate.

Perto da casa do Quaqué existe a doceria mais gostosa da cidade: eles têm um monte de tortas, bolos, *apfelstrudels*, que são tortas de maçã, e o *cuca*, um bolo com uma espécie de farelo de açúcar e canela com farinha em cima e que é uma delícia.

Na doceria, nós três encostamos o nariz na vitrine de doces e ficamos lá, babando, tentando escolher o doce mais gostoso.

De repente eu senti um cutucão nas minhas costas. Era o Zelé. Com um sinal de olho ele me mostrou um homem de chapéu com a gola do capote levantada sobre as orelhas.

— Tenho certeza que é forasteiro. E dos mais esquisitos! — me cochichou.

— E-e-eu nunca vi-vi an-an-antes na-na-na cidade! — contou o Quaqué. O Zelé concordou com a cabeça.

O estranho foi até o balcão e, sem tirar o chapéu ou abaixar a gola do capote, apontou para a bandeja de bombons e pediu que pesassem um quilo deles.

— O que desejam? — perguntou uma menina de olhos claros e cabelos loiros, interrompendo nossa xeretagem. Era a filha da doceira.

Eu escolhi uma bomba de chocolate, linda!, com camadas de chocolate fresco se derramando sobre ela. O Quaquá pediu uma fatia grossa de bolo floresta-negra, coberto de chocolate ralado, e o Zelé, um *apfelstrudel* com *chantilly* em cima, branco e gordo de açúcar e gostosura. Quando saímos, o estranho já tinha ido embora.

*

À noite, no jantar, a Tina anunciou que ela e o Mozart iam voltar para São Paulo dentro de quinze dias no máximo.

— Esta cidade é muito calma — minha irmã explicou. — De domingo à noite até quarta não tem agitação!

— E é superorganizada também. Eu não consigo me acostumar — reclamou meu primo.

Eu pensei que não era à toa que Priscila vivia falando das saudades que sentia do tempo em que morou aqui, há uns quinhentos anos, quando era colegial. Ela é organizadíssima. Só não entendo como duas pessoas tão diferentes como ela e a Tina podem ser amigas e dividirem o mesmo apartamento.

— Como queira, minha filha — respondeu meu pai. — Acho que para você até São Paulo é parada.

— Ah, por falar em calma, vocês não imaginam o que aconteceu hoje, lá na fábrica — disse minha mãe. — "Seu" Hans e Charlotte tiveram uma discussão. Curta mas brava! Inacreditável! Eu fico pensando o que é que aconteceu para a Charlotte discutir com o pai! Olha, ela não me parece capaz de enfrentá-lo...

Meu pai se serviu de mais chucrute e falou:

— Nós não sabemos o que aconteceu. Talvez ela esteja tentando se rebelar, mostrar para o pai que ele tem que respeitá-la.

Na próxima vez que o meu pai reclamar que eu respondo pra ele, vou repetir exatamente essas palavras. Quero ver se funciona. Não sei por que nunca pensei nisso; é um argumento soberbo, como diz a minha mãe.

11. Um Fantasma Na Sala

No meio da noite eu acordei com o estômago rugindo feito moto velha, dessas que fazem um barulhão e não pegam nunca. Eu estava morta de sono e fazia um frio horrível, mas o meu estômago não queria ficar quieto e ele sabia muito bem que tinha um *cuca* delicioso no armário da cozinha.

Tentei resistir, mas no fim fui obrigada a sair debaixo do meu cobertor, que estava quentinho, enfiar o chinelo de lã, gelado, botar um casaco no meio de um arrepio de frio e ir para a cozinha, pé ante pé, para que ninguém me flagrasse assaltando o armário. O que a gente não faz por um estômago barulhento!

Quando eu estava na cozinha, ouvi um barulho estranho vindo da sala. A Juli, que tinha vindo comigo, deu um salto e sumiu assustada. Isso fez o meu coração disparar. Se a Juli saiu correndo é porque quem estava na sala não era conhecido dela. Pelo menos é assim com os cachorros.

"Tem ladrão em casa", pensei então. E comecei a tremer.

Ouvi uma porta rangendo e lá fora o vento assobiava. Um arrepio me percorreu inteira. Será que era ladrão ou... um fantasma? Um fantasma é muito pior. Apesar de eu não acreditar neles durante o dia, de noite eu sempre fico em dúvida.

Eu me armei de um rolo de macarrão. Para chamar os meus pais, ou a Tina e o Mozart, eu tinha que passar pela sala. E era de lá que vinha o barulho. Pensei em gritar e chamar o meu pai. Até tentei. Mas a minha voz não saiu. Como nos sonhos maus: você tenta gritar e não consegue. É horrível.

Segurei o rolo com mais força. Fui de mansinho. Meu coração parecia uma batedeira. Lembrei da jararacuçu da história do "seu" Hans. E se eu fosse atacada por uma delas? Eu me encolhi toda. De noite, tudo parece possível, até cobra na sala da gente!

Chamei pela Juli, bem baixinho, pra só ela me ouvir. Eu não queria que o ladrão me descobrisse. Ou o fantasma. Mas nem a minha voz nem a Juli apareceram. O que apareceu foi a cortina se mexendo. E para atravessar a sala eu tinha que passar perto da cortina! Segurei bem o rolo de macarrão e me encostei na parede para ninguém me surpreender pelas costas. E fui. Estava uma escuridão! E eu com um medo!

Nheémmmm! ouvi. E a cortina se mexeu outra vez. Dei um berro de susto e *zas*, assentei o rolo em cima ao mesmo tempo.

A cortina deu um repelão, fez um ruído — *riiip* — e despencou, em cima de mim e do fantasma.

Continuei batendo e gritando de puro medo. Debaixo da cortina o fantasma dava um grito tão assustado quanto o meu. E a Tina lá de onde ela estava também gritava. A gritaria era tão grande que eu nem sabia mais qual grito era o meu.

— Ai, ai!

Foi quando percebi que quem estava embaixo da cortina era o meu primo, Mozart.

— Pegaram você, Mozart? — perguntou a Tina.

O Mozart se movimentou desengonçadamente, com a cortina que despencara em cima dele. Agora sim, parecia um perfeito fantasma no escuro da sala.

— Socorro! Um fantasma! — esgoelou-se a minha irmã vendo a cortina se movimentar na direção dela.

Ela agarrou a primeira coisa que viu pela frente, o vaso de estimação da mamãe, e *plaf*, espatifou-o em cima do Mozart. Eu comecei a rir de nervosismo e alívio. Minha voz tinha voltado! E descobri a Juli sentadinha lá em cima do armário, observando calmamente toda a confusão.

— O que está acontecendo aí? — era o meu pai. Ele acendeu a luz da sala e perguntou com a voz meio tremida: — Quem está aí?

— É o Mozart! — falei.

A Tina foi ajudar o Mozart a se desembaraçar daquele monte de pano em cima dele.

— Minhas cortinas! — era a minha mãe. — E o meu vaso! Como foi isso?! Fafá, e o que você está fazendo com esse rolo? — falou minha mãe quando me viu.

— Eu? Eu estava me defendendo do ladrão — expliquei, sem falar do meu medo de fantasma para eles não rirem de mim. — Eu ouvi um barulho na sala...

Meu primo massageava o ombro dolorido onde eu tinha batido com o rolo, enquanto a Tina punha salmoura no galo que o vaso tinha feito na testa dele.

— Eu ouvi um barulho estranho — contou a Tina — e chamei o Mozart para vir comigo. Parecia que tinha ladrão em casa.

— Teve uma hora que eu achei que tinha até fantasma! — disse o Mozart.

— E quase virou um fantasma! — reclamou a Tina.

— Manhê! — era o Teco que chegava, de dedo na boca e arrastando o ursinho dele.

Minha mãe me deu um copo de água com açúcar, porque eu estava pálida e tremendo, e meu pai mandou todo mundo para a cama. Ele estava bravíssimo.

12. Telefones Grampeados

Eu fui para a cama, e tentava pegar no sono quando lembrei que continuava com fome e que havia um cuca maravilhoso no armário da cozinha. Apesar da ordem do papai, resolvi levantar. O meu estômago não ia me dar sossego enquanto eu não fosse atrás do bolo.

Quando cheguei na sala, descobri que a lareira estava acesa e encontrei a Tina e o Mozart bebendo conhaque, fazendo pose como o "seu" Hans. E comendo o cuca do armário!

— O que vocês estão fazendo aqui? — perguntei. — Papai disse que era para todo mundo voltar para a cama...

E fui direto para o bolo. A Tina estava esparramada no sofá e o Mozart meio atravessado nos braços da poltrona do papai. Eu me servi de uma fatia tamanho família. Para o meu estômago não me amolar nunca mais.

— Fafá, me faz um favor? Coloca mais lenha no fogo? — pediu minha irmã.

Peguei duas achas grossas no chão perto da lareira. Eu nunca poderia imaginar que alguma vez na minha vida eu ia entender de fogo, mas, quando você pega um inverno gelado como esse, você aprende rapidinho. A Karen diz que aqui não faz frio como em Curitiba ou São Francisco de Paula. Para mim, que venho de São Paulo, isso já é um gelo!

— O que vocês estão conversando tanto? — perguntei de novo. Detesto quando me deixam sem resposta.

— Nós estamos com umas idéias... — falou meu primo.

— Que idéias? — eu quis saber, enquanto juntava com o ferro da lareira as brasas que estavam espalhadas.

— Contamos pra ela? — meu primo consultou a minha irmã.

Eu não suporto ficar de fora de uma idéia, mesmo que a idéia seja uma idéia deles.

— Claro que tem que contar! Ou você já esqueceu quem foi que ajudou você com o Heitor, lá na rádio? — esbravejei.

Meu primo massageou o ombro dolorido.

— Nem esqueci de quem me ajudou na rádio e nem de quem desceu o rolo de macarrão no meu braço — falou meu primo.

— Não foi culpa minha. Quem mandou você se esconder atrás da cortina? — protestei.

— Eu me escondi para pegar o ladrão, oras.

Depois, meu primo tomou um gole de conhaque e ficou olhando o

fogo como se estivesse tomando uma grande decisão. Tive vontade de sentar o ferro da lareira na cabeça dele.

— Está bem, eu conto, mas só se você me prometer duas coisas: não me bater nunca mais e me ajudar quando eu precisar da próxima vez...

— Fala logo, Mozart — cortou minha irmã.

Dessa vez, gostei da minha irmã. Ela é legal.

— A idéia é... é o seguinte: eu e a Tina estivemos somando dois mais dois e chegamos à conclusão de que a cervejaria Schmidt está sendo alvo de...

E o meu primo levantou os olhos para as vigas de madeira do teto e ficou lá, como se estivesse contando. Só tem duas e ele demorava como se fossem cem. Detesto quando o Mozart faz suspense. Eu levantei de onde estava e peguei o ferro da lareira com um olhar bem ameaçador.

— ... alvo de *espionagem industrial!*

— Olhe aqui! — minha irmã me mostrou uma folha de jornal. Percebi logo que já conhecia aquele jornal. Era o mesmo que deveria ter servido de lixo para a azeitona da empadinha da festa. E a manchete continuava lá: "Espionagem industrial: perigo e realidade". Só que bem mais amassada.

— Não sei, não — falei, fazendo pouco caso da idéia deles. — Qual é a razão para espionar a fábrica do "seu" Hans?

— Ora, Fafá, como você não percebe? É óbvio que existe espionagem industrial.

— E tem mais, é muito estranha essa discussão de Charlotte com "seu" Hans! Pra mim, tem coisa aí. Ela não quis discutir com o pai na festa. Deixou pra brigar depois! — falou a Tina.

— E não é só isso — disse meu primo, querendo espantar o ar de dúvida que devia estar na minha cara. O "seu" Hans já recebeu pelo menos uma proposta de compra da fábrica e disse que tem mais gente interessada na cerveja dele! Ele declarou isso aqui *nesta* sala, diante *deste* fogo, tomando *este* conhaque, sentado *nesta* poltrona, junto *des*...

E antes que a falação do Mozart piorasse, a Tina catou um guardanapo e meteu na boca do meu primo.

Eu e a Tina demos boas risadas. No começo o Mozart não achou graça, mas acabou rindo. Depois eu fiquei séria, pensando. Eles podiam ter razão. Lembrei do estranho que nós vimos na doceria. E o Quaquá e o Zelé juraram que era forasteiro. Será que ele podia ser espião de alguma fábrica?

— Talvez vocês tenham razão — falei. — Aconteceu uma coisa estranha hoje.

— O quê? — perguntaram minha irmã e meu primo ao mesmo tempo, se endireitando nos assentos, do jeito que mamãe acha educado.

— Eu, o Zelé e o Quaquá vimos um...

E eu levantei os olhos para as duas vigas do teto e fiquei lá como se estivesse contando duzentas.

O Mozart começou batendo os dedos no braço do sofá, mas só quando ele ameaçou se levantar é que eu continuei:

— Tem um estranho na cidade. Ele usa o chapéu enfiado até o pescoço e a gola do casaco levantada sobre as orelhas, como se quisesse se esconder.

— É o espião! — gritou a Tina.

— Então já estamos com os telefones grampeados... — disse meu primo.

— O nosso telefone também?! — perguntei, sem conseguir acreditar.

— Claro, mamãe não é a química da fábrica? Todos os envolvidos são perseguidos e observados. E as famílias deles também. Os espiões fazem relatórios *mi-nu-ci-o-sos* sobre a vida e os hábitos das pessoas espionadas! — explicou minha irmã.

Fiquei pensando se eu gostaria que houvesse um relatório sobre mim, e que contasse que todo dia de manhã eu limpo o "banheiro" da minha gata Juli.

13. A Perseguição

Depois do almoço, no sábado seguinte, fiquei esperando o tio Raul. Ele havia prometido me levar para passear na Vila Itoupava, de tarde, porque ele pretendia comprar umas bebidas na fábrica de licores de lá.

— A região é linda, toda cercada de morros, com campos verdes e casas da época da colônia — ele tinha dito. — E a fábrica faz licores com receitas de família trazidas da Áustria!

O telefone tocou. Era o tio Raul. Ele não ia mais para a Vila Itoupava.

— Se você quiser, nós te levamos — propôs a minha irmã, vendo a minha decepção.

— Oba! — gritei.

O Teco também queria ir, mas eu acabei convencendo a mamãe a não deixar. Eu não queria passar a tarde do meu domingo pajeando o

meu irmão.

Pergunta aqui, pergunta ali, conseguimos chegar na fábrica. A Anne Lia e o Ditmar, que são os donos, nos atenderam e ofereceram licores para a Tina e o Mozart provarem. Eu tomei guaraná, porque sou menor de idade. Acho que, se eles conhecessem a Tina e o Mozart, não iam oferecer nada. Os dois não paravam de provar licor. Teve uma hora que eu achei que eles iam acabar com o estoque da fábrica.

— Vocês não dão a receita? — perguntou a minha irmã.

— O segredo do licor nós não contamos para ninguém — disse a Anne Lia, que é química. — Mas sempre tem gente querendo saber. Às vezes, eles procuram os nossos empregados para descobrir que ervas nós usamos ou então quais são as dosagens.

— E algum empregado contou? — quis saber o Mozart.

— Não, porque essa parte eu faço sem os empregados por perto!

— Isso, isso — apontava o meu primo — isso é que é espionagem industrial! E é o que está acontecendo com a fábrica dos Schmidts! Por favor, dona Anne Lia, mais um pouquinho de licor de hortelã.

— Tina, vamos embora — eu falei. Aquela já era a terceira vez que o Mozart pedia para provar o licor de hortelã.

A Tina comprou uma garrafa de licor de laranja e nós entramos no carro. O Mozart queria dirigir, mas ela não deixou. Ele tinha provado bebida demais.

Estávamos voltando para Blumenau quando, de repente, eu vi do outro lado da pista um motorista com ar conhecido.

— Tina, pára. Acho que acabei de ver o espião passando de carro. Indo para a Vila Itoupava! — gritei.

— Vamos atrás dele! — berrou meu primo.

— Você tem certeza, Fafá? — perguntou minha irmã enquanto brecava e já manobrava o carro para ir atrás dele.

— Certézíssima! — confirmei.

Tina afundou o pé no acelerador e lá fomos nós.

— Sabem o que eu acho? — disse meu primo. — Esse espião deve estar espionando a fábrica de cervejas e a de licores ao mesmo tempo. É um agente duplo!

A Tina quando quer dirige depressa e num instante nós estávamos atrás dele. E eu pude ver. Era ele mesmo!

— O que nós vamos fazer? — perguntei.

— Agarrá-lo e exigir que ele confesse o que está fazendo e revele o nome da fábrica que o contratou — disse o Mozart. — Tina, ultrapasse o

carro dele!

A Tina fez o que ele pediu. Quando a Brasília emparelhou com o carro do espião, o meu primo gritou para ele parar que nós queríamos falar com ele.

A idéia não foi boa. O espião acelerou tudo e foi embora. E nós atrás. Começava a perseguição. A primeira da minha vida.

O carro dele corria mais que o da Tina. Mas, como a minha irmã é uma excelente pilota, nós nunca perdemos o espião de vista. E conseguimos encostar nele quando acabou o trecho asfaltado da estrada. A Tina dirige melhor em estrada de terra. O espião virava à esquerda e a Tina *zás*, virava atrás. Ele tentava à direita, e a Brasília da minha irmã não se perdia. Foi emocionante.

— Agora, Tina. Aproveita para dar uma fechada! — disse o Mozart.

— Fafá, se segura — avisou a minha irmã.

E nós fechamos o carro do espião!

O Mozart deu um salto para fora. A Tina e eu também. Nesse momento, o espião também já havia saído do carro dele e subia o barranco. Nós fomos atrás dele, atravessando pastos e pradarias. Os bois viram toda a nossa corrida e devem ter ficado ruminando o que seria.

— Pega, pega! — gritou a Tina. Eu estava quase alcançando o espião, mas quando ele ouviu os gritos de *pega* da minha irmã, ele deu um pique, dobrou de velocidade e provou que era um espião bom de corrida. O pasto ia acabar numa estrada.

— Para que lado ele foi? — o Mozart perguntou.

— Olhe lá — eu disse, notando o movimento de entra e sai de gente em uma casa de madeira, com uma porção de carros estacionados perto.

— Vamos. Eu aposto que ele se escondeu lá! — disse o meu primo.

Nós nos aproximamos com cuidado. Não havia ninguém fora da casa, mas de dentro vinha um barulho de música e de baile. Muito esquisito, um baile no meio do campo. As janelas eram altas e o meu primo fez com as mãos um degrau para que eu pudesse subir e ver o que estava acontecendo.

E eu vi: um enorme salão com um conjunto musical e muitas pessoas dançando uma música alemã.

— O que vocês estão fazendo aí? — alguém perguntou atrás de nós. Meu primo levou tamanho susto que levantou os braços na mesma hora, como se fosse um assalto. E eu *pof*, desabei no chão.

— Você se machucou? — perguntou uma moça com uma faixa cheia de medalhas e uma coroa. Parecia uma rainha.

Eu me levantei e bati a poeira da roupa. Nessa hora apareceram a Anne Lia e o Ditmar.

— O que aconteceu? — a Anne Lia perguntou.

— Nós estávamos perseguindo o espião e achamos que ele pode ter se escondido aqui — explicou minha irmã com bons modos.

— Espião?! Você viu algum? — o Ditmar perguntou para a mulher.

— Não, não vimos. Mas nós acabamos de chegar lá da fábrica — disse a Anne Lia com um sorriso que lembrava o do papai quando ele não está acreditando.

Ninguém havia visto nenhum espião. E o Ditmar nos apresentou aos donos da festa e nós fomos convidados a participar do Baile da Rainha do Tiro.

— Rainha do Tiro?

A Anne Lia explicou que é uma tradição que os colonos trouxeram da Alemanha e que vem dos tempos da Idade Média.

— Idade Média, Fafá, é a época de castelos, cavaleiros... — disse minha irmã.

— São como torneios de tiro ao alvo. O melhor atirador é aclamado rei ou rainha dos atiradores. Eles recebem medalhas e organizam festas, com danças. Só em Blumenau existem muitas dessas Sociedades de Caça e Tiro ao Alvo — contou o Ditmar.

— E o que eles caçam? — eu quis saber.

— Nada. A caça só ficou no nome — explicou a Anne Lia.

O Baile da Rainha foi divertido. Tinha guaraná, cuca, sanduíches, música alemã e sertaneja. Todos nós dançamos. Eu dancei com o Mozart e com os filhos da Anne Lia, o Dianne e o André. Foi muito divertido.

Quando voltamos para pegar a Brasília, o carro do espião já tinha ido embora.

— Desta vez ele escapou, mas não escapará da próxima — ameaçou o Mozart. — Esse espião não perde por esperar!

Fafá e Mozart se divertiram a valer no Baile da Rainha do Tiro.

14. O Espião

Na segunda-feira seguinte, dei um jeito de fugir da turma da Karen, na escola, e fui falar com o Zelé sobre a espionagem industrial. Eu até podia conversar com a Karen sobre isso. Mas, como ela é meio aparentada com os Schmidts, achei melhor não. O Zelé franziu a testa.



*Fafá e Mozart se divertiram a valer
no Baile da Rainha do Tiro.*

— Não sei. Não entendo nada de espionagem industrial. A única coisa que eu posso dizer é que vi outra vez o homem estranho. Ontem mesmo, de manhã, depois de sair da casa do Quaqué.

— De manhã? Eu vi no sábado de tarde. Onde você viu? — eu quis saber. Achei que aquela informação podia ser muito importante.

— Você nem vai acreditar. Puxa, sabe que até faz sentido! Meu Deus, acho que sim! — falou o Zelé, esquecido que estava conversando comigo.

— Ô, Zelé, fala, vamos! — exige.

— Você não vai acreditar! Sabe onde eu vi o estranho, rondando com o maior ar suspeito?

— Diga, diga

— Perto da casa dos Schmidts.

— Verdade!? Chi. A Tina e o Mozart têm que saber disso!

— E. Rondando mesmo! E ele estava carregando uma caixa de bombons vermelha, em forma de coração!

— Uau, deve ser o chocolate que ele comprou na doceria, Zelé! — adivinhei, dando saltinhos e roendo as unhas de nervoso. — Deixa só a Tina e o Mozart saberem disso! E você não sabe da maior... — E eu contei para o Zelé a aventura da perseguição.

No final das aulas, saí da escola e fui direto para casa procurar o Mozart e a Tina. Quer dizer, não na horinha mesmo. Antes eu passei pelo meu quarto para deixar os livros e encontrei o peste do Teco, na minha escrivaninha, mexendo nas minhas coisas!

— Teco, sai já daí! — gritei furiosa.

A Juli, que dormia num canto, deu um salto e saiu correndo. Ela não é boba: sabe que quando eu fico brava é pra valer. O Teco tratou de seguir o exemplo da Juli. E deixou minhas coisas na maior bagunça.

Saí do meu quarto e fui atrás do Mozart e da Tina. Encontrei os dois na garagem ensaboando a Brasília velha da minha irmã. Depois daquela perseguição em estrada de terra, o carro bem que estava precisando de um banho. Só não sei como eles conseguem, nesse frio...

— Vocês não sabem o que o Zelé me contou! — fui gritando.

Os dois pararam o que estavam fazendo.

— O Zelé me disse que viu o estranho rondando a casa dos Schmidts, ontem de manhã. E vocês não sabem da maior... — falei fazendo uma pausa. Eu também adoro fazer suspense.

— Diga logo! — minha irmã reclamou.

— O estranho estava carregando uma caixa vermelha de bombons. E em forma de coração! Esquisito, né?

Eles ficaram pensativos, segurando um o esfregão e a outra a mangueira.

— Nós dois saímos hoje de manhã para dar uma volta — contou a Tina. — E sabe por onde ele andava rondando? Perto da fábrica. Ele passa o tempo todo se escondendo atrás de árvores e postes, observando quem entra, quem sai. Muito esquisito.

— Esquisito nada! — falou o Mozart. — É o normal. Se ele é espião, ele tem que fazer isso mesmo, espionar e se esconder!

— Acho melhor contarmos tudo para a mamãe — eu disse, preocupada. — A gente nunca sabe o que pode acontecer!

O Mozart, que estava passando o esfregão no capô do carro, parou de repente, branco, pálido:

— Gente, nós temos que avisar mesmo. Esse estranho deve ser perigoso! Depois de ontem, ele pode ser capaz de qualquer coisa... E se ele seqüestra alguém, a tia, por exemplo, para arrancar dela as fórmulas da cerveja?

— Minha mãe, não! — berramos a Tina e eu juntas.

— Então, vamos avisar já!

Entramos os três na Brasília ensaboada, cheia de espuma borbulhante por tudo quanto era lado. Não havia tempo a perder.

15. Um Grito De Pavor

A Tina tirou o carro da garagem num instante, de marcha à ré mesmo, e sem olhar para os lados manobrou para entrar na pista. Eu só ouvi o barulho de uma freada brusca atrás da gente. Gelei. A Tina mandou o motorista lavar pratos, engrenou a primeira e pisou no acelerador com pé de chumbo. A Brasília saiu cantando os pneus.

Eu não sei quantos sinais vermelhos ela atravessou. No primeiro eu já fechei os olhos. Mas ia sentindo tudo o que se passava. Se a rua era de paralelepípedo ou se era de asfalto. As curvas fechadas que ela fazia, acho que para desviar de algum automóvel, porque o caminho para a fábrica, que eu saiba, não tem tanta esquina assim. Depois, tinha o barulho das freadas do carro, dos outros, claro, porque não me lembro de em nenhum momento sentir que ela pôs os pés no breque. Ah, e o que se dizia também eu pude ouvir. Os diálogos, como diz meu pai:

— O sua maluca, vê lá por onde vai! — gritou um.

— Não vê que é urgente! — berrava meu primo de volta.

No final, eu já não sabia quem corria mais riscos: a minha mãe ou nós, que íamos para salvar. Finalmente, senti uma brechada pra valer. Dessa vez era a do nosso carro. Abri os olhos. Estávamos em frente do escritório da fábrica.

*

Subimos correndo a escadaria da entrada principal. Quando chegamos lá em cima, no hall de entrada, ouvimos um grito. De surpresa e de pavor, como disse o Mozart depois.

— Vamos lá! — chamou a minha irmã.

Encontramos dona Josefina toda trêmula, saindo do corredor que vai dar nas salas da diretoria.

— Uma ambulância, chamem uma ambulância! — ela gritava

Nenhum de nós foi chamar a ambulância naquela hora. Estávamos doidos para ver o que tinha acontecido. Foi só por isso que deixamos a dona Josefina gritando sozinha.

— Por aqui! — comandeí, quando chegamos numa bifurcação de dois corredores. Eu era a única que conhecia bem o escritório, pois já tinha vindo uma porção de vezes. Nós entramos à direita pelo corredor, as portas todas fechadas. Lá no finalzinho, uma aberta. A do "seu" Hans.

— Opa! — se assustou meu primo.

Era o "seu" Hans, caído na cadeira, a cabeça inclinada para o lado, os braços da cadeira segurando o corpo imóvel dele. E no chão uma caixa de bombons vazia. Vermelha e em forma de coração.

16. "Seu" Hans é Envenenado

Nós três ficamos de olho arregalado, parados ali na porta.

— Será que ele está morto? — perguntou meu primo.

— Só vendo — respondeu minha irmã, dando um passo para dentro da sala.

Deixei os dois irem na frente. Era a primeira vez que via alguém morto ou que podia estar morto e eu não quis chegar muito perto...

Minha irmã agarrou o pulso caído do "seu" Hans. Ele estava com uma cara horrível. Daí a Tina colocou dois dedos sobre o pulso dele, o pai-de-todos e o fura-bolos. Depois ela mandou o Mozart ficar quieto e se concentrou como os médicos. O Mozart e eu esperamos quase sem respirar de tanta aflição. Dali a pouco ela mudava o fura-bolos e o pai-de-

todos de lugar, um nada mais para cima. E se concentrava outra vez. Mais um pouco e de novo ela mudou os dedos de lugar, só que mais para baixo. Eu não agüentei:

— Ele está vivo? — quis saber.

Minha irmã abanou a cabeça, confusa.

— Deixa eu ver! — falou meu primo.

O Mozart encostou o ouvido no peito do "seu" Hans.

— Está difícil de ouvir! Acho que o coração está muito longe!

— Põe o ouvido mais para a esquerda — mandou a minha irmã. Meu primo tentou se ajeitar.

— Acho melhor chamar à ambulância — falei.

— Isso mesmo! — concordou a Tina. — Vamos levá-lo já para o hospital!

— Espera, Tina! Não podemos fazer isso! É perigoso: na aula de primeiros socorros que eu tive, eles diziam para não remover a vítima do local do acidente porque ela pode quebrar algum osso, provocar uma fratura exposta, talvez até uma hemorragia! — resistiu meu primo.

Minha irmã mordeu os lábios preocupada.

— É mesmo! Eu me lembro de terem falado isso no meu curso. Então o que a gente vai fazer?

— Tina — chamei.

— Espera, Fafá. O momento é muito grave, deixa a gente pensar!

— Mas, Tina...

— Um minuto, Fafá! Deixa eu pensar.

— Mas, Tina — explodi — o "seu" Hans não foi atropelado nem caiu! Isso de não mexer na vítima é só em caso de acidente — falei, lembrando um folheto que distribuíram nos postos de gasolina.

— Puxa, é claro — disse minha irmã batendo com a mão na testa. — O Mozart, você fica falando e me confunde toda. Claro que o seu Hans pode ser removido. Ele não foi vítima de atropelamento nem de queda. Ele foi envenenado, isso sim!

— Envenenado? — E eu engoli em seco.

— Vamos lá!

Meu primo colocou os braços por baixo dos do "seu" Hans e, respirando fundo, ergueu o velho da cadeira. Tina e eu seguramos cada qual uma perna. Eu sugeri que a gente tirasse os sapatos dos pés dele. Eram uns sapatos pesados e eu mal conseguia carregar a perna. "Seu" Hans pesava bastante para quem parecia tão mirradinho.



— Põe o ouvido mais para a esquerda — aflita,
Tina orientava Mozart.

— Ele tem sorte de estarmos aqui para salvá-lo! — disse meu primo.

— É mesmo. Acho melhor levarmos "seu" Hans no meu carro, porque até chegar a ambulância vai demorar um tempão. Ainda bem que fiz um cursinho de primeiros socorros — falou minha irmã, enquanto se arranjava para carregar a parte do "seu" Hans que lhe cabia.

Nós fomos nos arrastando até a saleta de entrada, quando topamos com dona Josefina e sua bengala, acompanhada de dois enfermeiros, uma maca, dona Charlotte, muito pálida, Peter, bastante nervoso, e mais um cortejo de funcionários assustados, perguntando entre si o que estava acontecendo. Mamãe entre eles.

Os enfermeiros tiraram "seu" Hans da gente sem nem sequer um com-licença. E, no minuto seguinte, a ambulância já tinha ido embora, com "seu" Hans, dona Charlotte e o Peter. Nós três descemos a escadaria com o sentimento do dever cumprido pela metade.

E a Tina ainda descobriu pregada no pára-brisa do carro uma multa por estacionamento em local não permitido.

17. Arsênico Nos Bombons

Mamãe voltou para casa conosco. O bom de morar em Blumenau é que dá pra todo mundo almoçar junto todos os dias. Quando a sua família é legal, isso é uma vantagem.

Durante o almoço, mamãe contou para o papai o que tinha acontecido na fábrica. A última notícia vinda do hospital era de que "seu" Hans estava fora de perigo.

— Só não entendi uma coisa — falou meu pai no final. — O que vocês três, Tina, Mozart e Fafá, estavam fazendo lá na fábrica, hoje de manhã?

— Nós fomos para salvar a tia Helena — começou o Mozart.

— Como? — Minha mãe deixou cair o garfo que segurava.

— Eu também quero salvar a mamãe! — disse o Teco.

E, com essa frase, consegui ganhar da mamãe um beijo e um sorriso lindo.

A batata que eu estava cortando escapou do meu garfo e voou para cima dele.

— Foi sem querer — falei e pisquei para o pedaço de batata que caiu na roupa dele.

Tina explicou tudo sobre o salvamento. Contou das nossas suspeitas de espionagem industrial, do forasteiro, da perseguição e da caixa de bombons, da possibilidade de seqüestro. Eu esclareci que foi o Zelé quem viu a caixa com ele.

— Será que vocês não estão exagerando? — duvidou minha mãe.

Meu pai sorria como quem se diverte.

— Afinal, Helena, você é a química da cervejaria — comentou meu pai. — Você é altamente seqüestrável!

— Viu, tia, como a gente tem razão? — ajuntou meu primo, sem perceber que meu pai não estava levando a sério a história. Mas a minha mãe, que não é boba, bem que percebeu.

— Hum, não sei, Gilberto. A verdade é que o Hans deu, na semana passada, uma resposta negativa a um comprador sem sequer recebê-lo. O Peter se aborreceu muito.

— E a Charlotte? — quis saber minha irmã.

— Aparentemente não tomou partido. Mas eu não sei. Acho aquela mulher muito reprimida. E muito severa... Como se houvesse um segredo, alguma coisa oculta... Não sei explicar. De qualquer forma, o ambiente não está muito bom lá na fábrica.

Meu pai fechou o sorriso:

— Nesse caso, a hipótese de espionagem começa a ser uma possibilidade plausível.

O Mozart, que se servia de limonada, quase deixou cair a jarra. O líquido pulou para fora com o entusiasmo dele:

— Tenho certeza que foi envenenamento, tio. Vai ver até que foram o Peter e a Charlotte que combinaram isso com o espião...

— Não diga bobagem — reclamou minha mãe. — Onde já se viu filhos envenenando os pais?!

— Mas eles não estão envenenando para matar, tia — insistiu o Mozart.

— O Mozart está certo, mãe — interrompeu minha irmã. — O que o Peter e a Charlotte querem é tirar o pai do caminho. Provavelmente aqueles bombons tinham algum veneno mais suave...

— Já sei! — berrou meu primo. — Eles puseram arsênico!

— O que é arsênico? — perguntou o Teco.

Minha mãe explicou que é um veneno que deve ser dado em pequenas doses. Ela disse que a pessoa vai tomando cada dia um pouco e o veneno vai se acumulando no organismo dela, até que chega um dia em que um nadinha, um grão de areia do arsênico, provoca a morte.

— É o acúmulo de arsênico que provoca o envenenamento — concluiu minha mãe.

— Mas como o "seu" Hans é guloso, ele tomou todas as doses, quer dizer, comeu todos os bombons e ingeriu uma dose maior logo de cara! — adivinhou meu primo com ar de sabe-tudo.

— Epa! — iluminou-se minha irmã. — Também pode ser que "seu" Hans tenha sido envenenado por algum inimigo, um nazista, por exemplo! Não sei onde eu ouvi que "seu" Hans ajudou uma vez um caçador de nazistas que veio de Israel. Vai ver que alguém, de quem ele anda suspeitando, decidiu matá-lo antes de ser descoberto.

— Ou então foi um comunista, desses que deixaram a Alemanha depois que o Muro caiu e estão sendo perseguidos. Eu já ouvi o "seu" Hans dizer que não gosta nem de nazista, porque ele é anti-racista, e nem de comunista, porque ele é capitalista — concluiu meu primo. — E foi aqui mesmo no dia da festa, nesta casa, nesta sala...

Eu fiquei pensando que talvez fosse a hora de meter outro guardanapo na boca do meu primo.

— Mas essa hipótese, a de envenenamento, por nazistas, comunistas ou pelos filhos, como queiram, só pode ser comprovada se vocês descobrirem arsênico num dos bombons — interrompeu meu pai, com aquele sorriso todo aberto, como fatia de melancia. Ele estava se divertindo a valer.

— Mas o "seu" Hans não deixou nenhum! — eu disse, dividida entre apoiar meu pai ou eles, a minha irmã e o meu primo.

— Isso é o que a gente tem que verificar! — cortou o Mozart. — Podíamos ir à tarde na fábrica e ver se sobrou algum com a dona Josefina.

— Mãe, você pode fazer a análise do bombom? — pediu minha irmã.

Mamãe balançou a cabeça.

— Não, porque não tenho os reagentes apropriados no laboratório. O melhor é vocês enviarem para o Instituto Adolfo Lutz. Até porque, se for comprovada a presença de arsênico, o laudo técnico deles tem credibilidade nacional, porque é um instituto muito respeitado.

Papai pediu mais limonada, abriu um sorriso, que eu conheço muito bem, e falou para a Tina:

— Mas eu pensei que vocês iam embora para São Paulo!

— Falamos, tio, íamos! — afobou-se o Mozart. — Agora temos uma importante missão.

18. Atrás Da Prova Do Crime

Naquela mesma tarde, logo após o almoço, Tina, Mozart e eu fomos para a fábrica, atrás dos bombons.

— É aqui mesmo que eu vou estacionar! — anunciou minha irmã, deixando a Brasília azul-clara numa esquina, do lado oposto à entrada principal da cervejaria Schmidt e longe das muitas pregadas nos pára-brisas.

— Tem que ter sobrado pelo menos uns quatro bombons — dizia meu primo. — Não é possível que "seu" Hans seja tão guloso assim! E os bombons são a prova do crime!

Tina pegou o cadeado, passou em dois elos da corrente que sai do assento até a roda da direção. Ela não consegue entender que Blumenau é segura e não tem roubo de carro como em cidade grande. Ela sempre teima nessa corrente.

— Quer saber, Mozart? Eu fico pensando se o mais importante é pegar os bombons ou o espião. Se a gente pegar esse homem...

— Puxa, é isso mesmo, Tina! Como eu não pensei nisso antes?! — exclamou meu primo estalando os dedos. — É mais prático, muito mais prático do que pegar os bombons, mandar para o Adolfo Lutz e depois esperar a análise...

Eu procurei imaginar como é que nós íamos fazer para agarrar o espião. Nós já tínhamos tentado uma vez e não deu certo. Espiões não são pessoas fáceis de se agarrar. Talvez o mais prático fosse mesmo mandar analisar os bombons...

Encontramos dona Josefina sentada em sua mesa, lendo uma carta. A bengala estava dependurada no encosto da poltrona. Quando ela nos viu, abriu um sorriso e disfarçou uma lágrima.

— Estou tão feliz! Minha prima Jutta, que mora do outro lado de Berlim, com a queda do Muro, me escreveu que virá me visitar! Nós éramos tão unidas! Mas quando fizeram o Muro, ela ficou presa do lado de lá e eu acabei vindo com o meu querido Franz, de saudosa memória, para esta terra maravilhosa...

— Terra maravilhosa mas cheia de espiões — disse meu primo.

Dona Josefina não entendeu, mas não falou nada. Apenas nos ofereceu um café e contou:

— "Seu" Hans está fora de perigo, graças a Deus! Parece que tudo não passou de uma ligeira intoxicação por excesso de chocolate.

A Tina explicou o que queríamos.

— Ah, a caixa de bombons! Pois não — respondeu a velha senhora.

— É uma caixa tão romântica e tão prática! Dá para guardar retroses, linhas... Eu acabei de guardar agora mesmo.

E abrindo uma das gavetas da escrivaninha retirou primeiro um novelo de lã, duas agulhas de tricô e uma revista de receita de malhas. Por fim, apareceu a caixa vermelha em forma de coração.

A Tina pegou na caixa com cuidado, como se fosse a coisa mais importante do mundo. O Mozart ficou cutucando minha irmã, para ela abrir a caixa e ele ver se tinha sobrado algum bombom. A Tina disfarçou. Acho que ela não queria abrir na frente da dona Josefina. Mas quando o meu primo encasqueta com alguma coisa, não há o que fazer.

— Com licença — disse ele, tomando a caixa das mãos da Tina. E, abrindo-a, teve uma surpresa:

— Epa! Não tem nenhum bombom aqui!

Dona Josefina deu um sorriso sem graça.

— Vocês querem o bombom também?

Bastava ver a cara da Tina e do Mozart para saber que sim. A dona Josefina viu.

— Só ficou um. Está aqui — disse ela, abrindo uma outra gaveta, de onde saiu um saquinho de bolachas, já pela metade e fechado com *durex*, uma fruta embrulhada em papel laminado, uma revista de receitas de torta e, finalmente, um bombom em forma de coração, embrulhado num papel laminado vermelho como a caixa.

Acho que dona Josefina pretendia comer o doce mais tarde. Se é que já não havia comido algum ou alguns antes. Meu primo acha que ela fez isso porque não tinha idéia do risco que estava correndo. E a Tina disse depois que, na verdade, ninguém, só nós, é que percebemos que existe uma trama de envenenamento em curso.

— Nós queremos fazer uma análise desse bombom — explicou minha irmã. — Temos motivos para suspeitar que ele contenha algo mais que açúcar, leite e chocolate...

Dona Josefina ficou pálida de repente. Pela cara dela dava para ver que ela já havia provado algum...

— De qualquer forma, muito obrigado, dona Josefina — falou meu primo, colocando o único bombom na caixa e se preparando para ir embora.

Nós estávamos saindo quando a velha secretária, agarrando a bolsa e a bengala, disse:

— Vou aproveitar para dar um pulinho na farmácia aqui na frente.

O Mozart lançou um olhar para mim, como quem diz que o que a dona Josefina estava querendo era comprar um antídoto para o veneno.

Sáimos todos, descemos a escadaria e, nos últimos degraus, adivinha o que eu vi? O espião, dobrando a esquina e levantando ainda mais a gola do casaco.

— Olha lá, é o espião! — gritei.

19. Aaaaaaaaai!!!

Meu primo olhou para onde apontava meu dedo. O espião tratava de virar a esquina e fugir de nós!

— É agora que eu pego esse espião — disse meu primo enquanto me empurrava a caixa de bombom e se lançava atrás do homem.

— Aaaaaaaaai!

Era a dona Josefina. Na pressa, meu primo tinha enroscado o pé na bengala da secretária, que perdeu o equilíbrio e foi ao chão.

— Chiiii — se atrapalhou meu primo, parando a corrida lá adiante e se virando para nós com cara de culpado.

Dona Josefina começou a gemer. E parecia não parar mais. Meu primo voltou, abandonando a perseguição. Não culpo o Mozart. Aquele primeiro ai da dona Josefina era pra fazer qualquer super-herói esquecer qualquer supermissão.

— Acho que ela torceu o pé — falou minha irmã, tocando o tornozelo de dona Josefina com os dedos.

Três deles: o pai-de-todos, o fura-bolos e o seu vizinho. Desta vez, parece que a minha irmã acertou o lugar, porque foi só apertar um pouquinho que o gemido que saía da boca da dona Josefina virou um ai zangado e forte.

— Vamos levá-la para o carro! — comandou minha irmã.

— Tina — comecei a falar — será que não é melhor trazer o car...

— Deixa comigo! — interrompeu meu primo. — Fafá, você pode ajudar carregando a bengala da dona Josefina.

Num estalar de dedos o Mozart levantava dona Josefina nos braços. Ela deu um suspiro e enlaçou o pescoço do meu primo. Fiquei achando que ela estava até gostando de "viver aquela experiência", como diria a Priscila, amiga da minha irmã.

— Vamos então! — disse a minha irmã.

— Tina, será que não é mais prático trazer o ca... — eu ia insistir, mas antes que eu completasse a frase o Mozart já tropeçava num degrau e zás, foi aquele desastre. Quando vi, meu primo estava estendido de

comprido no chão e dona Josefina rolava calçada abaixo. E sem gemidos suaves ou *ais* zangados. Era sirene pura. Dessas de fábrica. Achei que dessa vez tinha quebrado alguma coisa, porque a dona Josefina urrava de dor.

Meu primo se levantou olhando a palma das mãos.

— Olha — mostrou para mim. — Está tudo esfolado.

A Tina socorria dona Josefina. Dessa vez a velha não deixou minha irmã nem chegar perto do machucado e muito menos tocar com qualquer dedo, nem o mindinho!

— Dona Josefina, coragem — disse meu primo se aproximando. — Nós vamos levá-la para o hospital, fique calma. Nós vamos socorrer a senhora!

Não sei por quê, mas foi aí que dona Josefina passou a berrar ainda mais alto, como uma desesperada, por socorro.

Na janela da cervejaria apareceu alguém. Dona Josefina acenou para ele freneticamente. A pessoa deu um tchauzinho de volta enquanto o Mozart gritava que não se preocupasse, que a dona Josefina já estava sendo socorrida.

Tina trouxe o carro, eu e o Mozart colocamos dona Josefina no banco da frente e entramos rapidamente no banco de trás. A Tina assumiu o lugar de piloto e saímos voando para o hospital, com a sirene da dona Josefina ligada a toda.

20. Tina Consegue o Emprego

Já faz dois dias que o meu primo levou aquele escorregão na calçada da cervejaria, esfolou as mãos e quebrou a perna da dona Josefina em três pontos diferentes...

Eu não me lembro de ter visto o Mozart mais triste que agora. Nem naquele dia lá na rádio, quando a tia Benê disse que já tinha levado o chocolate do Heitor, ou depois, quando ele perdeu o emprego.

Agora ele está muito mais triste. *Agora*, que eu digo, é depois que a Tina conseguiu o emprego e a dona Josefina não quis receber a visita dele no hospital. Qualquer um entende o que a dona Josefina está sentindo, qualquer um menos o meu primo, claro.

Por isso pedi para que ele viesse à reunião da minha equipe de geografia e nos falasse sobre o rádio, um dos meios de comunicação, que é o tema de nosso próximo trabalho. Foi o jeito que encontrei de deixar meu primo mais animado.

Mas primeiro eu vou explicar como a Tina conseguiu esse emprego.

Ontem de manhã minha irmã e meu primo foram ao laboratório pegar o resultado do exame do bombom. Eles desistiram de mandar para o Instituto Adolfo Lutz, porque ia complicar muito. Como o resultado só fosse sair de tardezinha, eles resolveram acompanhar mamãe até a fábrica e fazer uma visita ao "seu" Hans.

Mamãe bem que desaconselhou a visita, por causa do que aconteceu com a dona Josefina. Mas o Mozart desandou a explicar que ele não tinha culpa, bastava ver a esfoladura das mãos dele.

Assim que pisamos na fábrica, minha mãe nem quis saber de acompanhar a Tina e o Mozart. Disse que tinha muito trabalho no laboratório e sumiu. Acho mamãe uma mulher muito sábia. Isso porque a primeira coisa que o "seu" Hans fez, assim que pôs os olhos neles, foi esbravejar em alemão. Sei disso por que também fui com eles. Mas se eu soubesse que o "seu" Hans estava tão bravo assim, eu também inventaria o que fazer, como a minha mãe, que é sábia, como ela mesma sempre diz.

O Mozart ficou branco. Eu recuei e me escondi atrás de uma planta. O Peter, que também estava lá, fez um gesto para segurar o pai. Mas a minha irmã nem piscou. Acho que foi o treino com o seu Ivo, o chefe dela na rádio. Quando o "seu" Hans acabou de soltar aquela enxurrada de palavras que vinham rolando e arrastando tudo como enchente de verão, ele olhou para nós e percebeu que a única coisa que nós havíamos entendido é que ele estava furioso.

— Eu quero saber o que vai ser deste escritório sem secretária depois do que aconteceu com a dona Josefina! — reclamou, puxando os erres naquele sotaque dele.

Vi que meu primo ia explicar que não tinha culpa, era só olhar para a esfoladura, e etecetera para ver.

Achei que não era uma boa idéia. Tentei chamar a atenção da Tina para ver se ela falava alguma coisa antes de o Mozart abrir a boca, mas ela não me entendeu.

— "Seu" Hans — começou meu primo — eu... Ai!

E meu primo ficou quieto depois do azedinho que eu lhe apliquei. O azedinho é o meu melhor beliscão. É miudinho como formiga e tem um ferrão muito bom. Eu só uso em ocasiões especiais.

— "Seu" Hans — falou minha irmã — eu gostaria de me oferecer para secretariar a fábrica pelo tempo que a dona Josefina estiver de cama. Eu era secretária antes de vir para cá...

O dono da fábrica coçou o queixo. Olhou para o filho, o Peter fez cara de que por ele tudo bem.

— Está bom, Tina. Pode começar amanhã. Acerte com Charlotte o

seu salário.

Foi assim que a Tina ficou empregada e o Mozart entrou em processo de deprê, como ele diz.

Deprê de depressão. Foi por isso que eu inventei essa história de ele falar sobre rádio para a minha equipe. No fim da aula que deu, ele estava se sentindo muito melhor. E até o Quaqué gostou do que ouviu.

— Podem me chamar para qualquer esclarecimento — falou meu primo quando já nos despedíamos. — Eu entendo de rock, DJ, rádio e espionagem industrial.

— Espionagem industrial?! — meus amigos abriram um olho enorme de admiração.

Eu só olhei pro teto.

21. Cheiro De Atentado No Ar

O Mozart contou todas as suspeitas dele. Só não falou que o resultado do bombom dera negativo.

— Fazendo bem as contas, eu lhes garanto — dizia meu primo — tenho pelo menos umas três provas contra o espião! Ele foi visto rondando a fábrica, depois a casa dos Schmidts, depois outra vez a fábrica com a caixa de bombons embaixo do braço, fugiu da nossa perseguição e, finalmente, e o mais importante, atentou contra a vida do "seu" Hans!

— Puxa! — exclamou o Zelé. — Bem que nós desconfiamos quando vimos o espião lá na doceria, não é, Fafá?

— Então, vo-vo-você te-te-tem as pro-provas co-co-co-coligidas! — disse o Quaqué. O pai dele é delegado e o Quaqué sempre fala umas palavras muito doidas. Essa tal coligida eu nem imagino o que pode ser.

Uma viatura de polícia parou perto de nós. Era o pai do Quaqué que estava chegando. Eu e o Zelé já conhecíamos o doutor Enzo. Apresentei meu primo para ele.

— Pa-pa-pa-papai, o-o-o Mo-Mozart tem um ca-ca-caso de-de espionagem!

— É?! — fez o doutor Enzo, com um sorriso igual ao do meu pai quando não acredita no que está ouvindo.

Meu primo nem percebeu.

— Doutor, e eu já tenho as provas cocoligidas!

— Co o quê? — perguntou o delegado.



— Pa-pa-pa-papai, o-o-o Mo-Mozart tem um ca-ca-caso de espionagem! — informou Quaqué.

— Co... cocolidas? — hesitou meu primo.

— Coligidas, juntadas, é o que você quer dizer?

Meu primo pareceu meio atrapalhado. Mas foi um segundo. Ele nunca se atrapalha.

— Doutor Enzo, está havendo um caso de espionagem industrial na cervejaria dos Schmidts. Eu tenho certeza. E o suspeito é um homem com cara de espião que anda rondando a cervejaria e a casa do "seu" Hans. Ele foi visto pelo Zelé, que a Fafá me disse, com uma caixa de bombons debaixo do braço. A mesma que levou "seu" Hans ao hospital e quase mata o velho por envenenamento!

— É isso mesmo, doutor Enzo — falou o Zelé. — Eu posso testemunhar. O homem tem a maior cara de espião do mundo!

Testemunhar é outra palavra que o Quaqué nos ensinou. Por mim, ficaria bem feliz de não ter que testemunhar aquela cena. Eu só estava vendo a hora que o pai do Quaqué ia dar um puxão de orelhas no Mozart.

— Interessante... — falou o doutor Enzo, coçando a barba. — Como é que é isso de ter cara de espião?

— Elementar, doutor Enzo — disse meu primo. — É uma questão de postura. O homem tem uma postura de quem espiona. Logo, é o espião.

Nessa hora, eu juro que queria sumir. E postura é palavra da Priscila, a amiga da minha irmã.

Mozart aproveitou para falar dos bombons envenenados com arsênico.

— Doutor Enzo, a análise do único bombom deu negativo. Está aqui o laudo se o senhor quiser ver — disse o meu primo sacando o laudo, dobrado cuidadosamente em quatro. — Mas a minha tia, que é química, diz que isso não elimina a possibilidade de que os outros chocolates estivessem envenenados. Eu acho que o "seu" Hans devia fazer um exame para verificar isso.

— Meu jovem — falou o doutor Enzo — pelo que vejo você tem muita imaginação e uma série de suposições que não provam nada... Mas não deixam de ser muito interessantes. Principalmente por duas coisas: uma, porque um dos meus homens já me falou desse forasteiro, e outra, porque essa caixa de bombons é uma história muito mal contada. E como eu estou devendo uma visitinha ao meu amigo Hans, vamos aproveitar para fazê-la agora e ver o que conseguimos esclarecer.

— Ah, então podemos ir com o senhor? — perguntou meu primo, calculando que aquele *vamos* do doutor Enzo queria dizer nós: o doutor Enzo, o Mozart, o Zelé, o Quaqué e eu. O Mozart deve ter faltado na aula

de português que fala do tal *plural majestático*, aquele plural que o rei fala *nós* e quer dizer só ele. Ou então quando os chefes e os professores dizem *nós* para fazer uma coisa chata e querem dizer, na verdade, *vocês*.

— Claro que não — foi a resposta do doutor Enzo.

O Mozart pareceu decepcionado por um momento. Mas logo se recuperou. É incrível como ele dá a volta por cima.

— De qualquer modo, se o senhor vai para a cervejaria dos Schmidts, nós estamos indo para lá também encontrar com a Tina, minha prima e irmã da Fafá, que é secretária do "seu" Hans. Se o senhor puder dar uma carona...

O doutor Enzo olhou bem para o Mozart e acabou dando uma gargalhada.

— Sem dúvida — falou, abrindo a porta da viatura para o meu primo. — E você, Fafá, não vem? — me perguntou.

Eu não sabia se ia ou ficava. Não gosto desse jeito metido que o Mozart tem às vezes. Mas acabei indo, porque a curiosidade era ainda maior. E lá fomos nós, de carro oficial, rumo à cervejaria dos Schmidts.

Quando chegamos, o doutor Enzo se trancou na sala com o "seu" Hans e nós ficamos conversando com a Tina.

— Adivinha o que está acontecendo? — cochichou minha irmã, assim que o delegado e seu amigo fecharam a porta.

— Conte!

— Ele telefonou outra vez! — falou a Tina baixinho.

— Ele quem?

— Um homem, ele telefona e pede para chamar dona Charlotte. E eu transfiro a ligação. No início, achei que era uma ligação normal. Mas eu pedi para ele se identificar e ele não se identificou. Disse que queria falar com a dona Charlotte e só. Na segunda ligação, logo depois que eu transferi, apareceu a dona Charlotte e me disse: "Se esse homem telefonar de novo, diga que não estou"!

— Uau! Deve ser o espião! E a Charlotte deve estar disfarçando — concluiu meu primo.

— De-de-devem estar man-co-co... mancomunados! — disse o Quaqué.

— Mancomunados? — estranhei.

— Combinados — esclareceu minha irmã. — *Mancomunados* é linguagem policial.

Às vezes acho que, se eu quiser acompanhar toda essa história, vou ter que ler a coluna policial dos jornais para me acostumar com palavras

como *mancomunados* e *coligidas*. Só que eu não gosto nem de palavra feia nem de coisas feias: tudo o que você mais encontra nessas colunas.

Depois, como a minha irmã tinha muito trabalho e a conversa do doutor Enzo com o "seu" Hans parecia não acabar nunca mais, o Mozart nos convidou para dar uma volta e tentar achar o espião. O Quaquá me prometeu telefonar mais tarde e contar tudo o que o pai dele descobrisse.

— Se a gente conseguir agarrar aquele homem, vai ser a glória, Fafá — falou meu primo enquanto descíamos a escadaria da fábrica. — Já imaginou? Nós vamos impedir uma tragédia e solucionar um grande caso! Porque quem tenta envenenar uma vez e não consegue, não vai deixar de tentar uma segunda vez. Eu posso sentir o cheiro de atentado no ar — disse, fungando forte, com o nariz empinado para o céu azul e gelado da minha nova cidade.

22. Vontade De Dizer Não

Sábado é o pior dia da semana para eu levantar da cama. Principalmente porque é o primeiro dia, antes do domingo, em que posso acordar mais tarde, porque não tem aula.

Eu explico: é que a Juli, a minha gatinha, não sabe quando é sábado. Eu já tentei dizer para ela que aos sábados não tem aula. Ela é muito esperta, mas ela é mais ou menos como o Mozart: só entende o que quer.

Todos os sábados, às seis horas da manhã, a Juli vem me acordar. Ela é melhor que despertador, nunca falha e jamais se engana, como a Tina que regula o rádio-relógio para acordar às sete e esquece de verificar se regulou para as sete da manhã ou da noite.

A Juli fica de pé com as duas patinhas no meu colchão e começa a miar, esperando que eu levante e vá dar de comer para ela. Se eu não levanto, e isso acontece todos os sábados, ela pula para a cama e fica passando por cima de mim de um lado para o outro, até me convencer de que não vai me deixar dormir enquanto não der a comida dela.

Foi o que aconteceu neste sábado. O que me consola é que amanhã ela já sabe que eu levanto mais tarde e me deixa dormir. Só que, na segunda-feira, ela pensa que ainda é como o domingo, daí sou obrigada a acordar com despertador. E quando ele toca, somos duas a despertar com o barulho. Ela com susto, eu com sono.

Levantei, pus o chinelo e fui de olho meio fechado para a cozinha. Se eu não abrir muito o olho, mas olhar um pouquinho só através das pestanas, o sonho que estou sonhando não vai embora. Aí, é só colocar a comida dela no pratinho e voltar para a minha cama, me embrulhar nos

cobertores, abraçar o meu travesseiro fofinho e quente como o meu sono e dormir mais umas duas horas.

— Olha só quem está aqui! Fafá, é melhor abrir os olhos antes de dar com o nariz na porta da geladeira! — Era o Mozart me obrigando a acordar.

Ele e a Tina estavam fazendo café na cozinha.

Eu não respondi nada. Desde ontem que estou chateada com eles. A Tina mal chegou da fábrica e já saiu com o Mozart para contar tudo. E nem me convidaram.

— A Tina e o Mozart não vêm jantar? — perguntei para a minha mãe, ontem à noite.

— Não. Disseram que tinham muita coisa para conversar e que iam ao Biergarten.

Eu, que estava com fome, perdi o apetite. Como é que eles puderam fazer isso comigo?!

— Não fique triste — falou meu pai. — Eles devem voltar logo.

Isso melhorou um pouco o meu apetite e eu consegui acabar com a pizza que estava no meu prato.

Mas, no fundo, eu estava tão triste e brava que nem repeti. Por isso, assim que dei comida para a Juli, eu fui direto para a geladeira, atrás da pizza de ontem.

— Que mau humor, Fafá! O que houve? — quis saber minha irmã.

Dei de ombros e sentei no banquinho mastigando um pedaço de pizza e olhando a Juli lambe as patinhas depois de comer. Eu acho a Juli a gata mais educada do mundo. A Tina disse que a gata da Priscila faz a mesma coisa. Duvido. A Tina diz isso só pra me aborrecer. Detesto a minha irmã.

— Você não quer saber o que aconteceu ontem na fábrica, depois que nós fomos embora? — perguntou o meu primo.

Vontade eu tinha era de dizer não. Desses bem grandes e redondos. Um não malcriado. E ver com que cara eles iam ficar. Mas também estava doida de curiosidade. Eu tinha ficado ontem até bem tarde esperando os dois e, quando não agüentei mais de sono, deixei um bilhete no quarto da minha irmã, pedindo para ela me acordar e contar tudo. E ela não me acordou!

— Ó Fafá, não fique brava! É que eu precisava falar com o Mozart primeiro! — explicou minha irmã, percebendo que eu estava zangada com o pouco-caso deles. — Mas olhe, depois dele, você é a primeira pessoa que vai saber de tudo.

— De tudo? — desconfiei.

— De tudo — confirmou meu primo.

E a Tina contou.

23. Charlotte é a Primeira Suspeita

Antes de contar tudo, minha irmã colocou leite e um pouco de café numa xícara e me serviu.

Quando ela quer ser gentil, como diz a mamãe, ela é um doce.

— Não deu nem dez minutos depois que vocês deixaram a fábrica e a Charlotte apareceu procurando pelo "seu" Hans. Quando eu falei que ele estava ocupado com o delegado, vocês tinham que ver a cara que ela fez, Fafá... Ela não teve dúvidas. Ficou toda agitada e entrou na sala do pai sem nem pedir licença e lá se trancou com eles.

— Ela deve estar mancomunada mesmo com o espião — disse o meu primo. — Você devia ter olhado pelo buraco da fechadura, Tina, para ver o que estava acontecendo.

— Eu já lhe expliquei, Mozart. Quando eu estava botando o olho perto da fechadura, surgiu por trás de mim o Peter. Tive que disfarçar e dizer que estava procurando o meu anel.

— E o que o Peter fez quando soube que era o delegado que estava lá dentro? — perguntei.

— Ele falou "o quê?" e foi entrando também sem pedir licença!

O Mozart colocou mais pão na torradeira, retirou do armário um *apfelstrudel* e disse:

— Muito esquisito tudo, você não acha, Fafá? Deixa a Tina acabar de contar, que eu vou lhe dizer o que nós temos que fazer...

A Tina colocou mais café com leite na minha xícara e continuou:

— Eles ficaram um tempão lá dentro. O "seu" Hans sentado na cadeira dele, aquela em que ele foi achado quase morto, o doutor Enzo na poltrona defronte, a Charlotte do lado do pai e o Peter na outra poltrona. Pareciam muito sérios.

— Ah, então você olhou pela fechadura! — exclamei, escandalizada com a postura ética da minha irmã.

— Claro, né, Fafá. Era o mínimo que eu podia fazer! — disse a Tina.

Eu só me preocupo com o dia em que a minha irmã resolver fazer o máximo...

E continuou:

— De repente eu vi que a Charlotte começou a andar de um lado

para outro. Depois, parece que sossegou. Mas aí quem começou a ter faniquitos foi o Peter. "Seu" Hans tirou do bolso um papel, parecido com um envelope que chegou ontem de manhã de São Paulo...

— Conta de quem era aquele envelope, Tina! — pediu meu primo.

Minha irmã pegou uma torrada e eu passei o copo de requeijão para ela. Puxa, a história parecia quente mesmo. Não aquelas coisas do Mozart, de *excesso de imaginação*, como disse o doutor Enzo.

— Ontem, no correio da manhã, chegou uma carta de um escritório de consultoria de São Paulo. E dos bons, Castro & Costa, porque eu me lembro de alguém ter me falado alguma coisa dele, acho que foi a Priscila, só não me lembro o quê... Bem, eu abri o envelope...

— Você teve coragem? — perguntei novamente escandalizada. — Mamãe diz que é falta de educação abrir as cartas dos outros!

— Nem precisava de coragem, nem é falta de educação, Fafá. As secretárias são pagas para abrir a correspondência da firma. Nós só não abrimos o que é particular.

— E o que estava escrito lá?

— Era uma carta dizendo que, conforme combinado previamente, eles estavam enviando um consultor para conversar sobre as potencialidades da fábrica e discutir a possibilidade de compra por um conglomerado financeiro que eles representavam e que revelariam no momento oportuno.

— Tina, conta o que o "seu" Hans disse quando você entregou a carta para ele — lembrou o Mozart.

— Ele ficou furioso. Deu um murro na mesa e disse: "Quem fez esse contato sem me consultar? Esse consultor que não se atreva a vir que eu vou escorraçá-lo daqui a pontapés!". Depois ele se acalmou e pediu para guardar silêncio, porque ele já imaginava quem tinha sido o autor do contato.

E, quando voltei para a minha mesa, vi que eu nem precisava imaginar nada. Quando chegou a correspondência, era tanta que eu não percebi que estava endereçada para o Peter e com uma etiqueta vermelha escrito confidencial!

— Puxa, que confusão!

— Você ainda não ouviu nada! O Peter começou a se agitar na cadeira enquanto o "seu" Hans esfregava o papel no nariz dele, perguntando o que é que aquilo significava. Eu via que o doutor Enzo procurava pôr panos quentes na briga. Só que eu não conseguia ouvir quase nada. Então tive uma idéia. Catei uns copos, a jarra de água e entrei.

— Você teve coragem? — perguntei de novo. — Acho a minha irmã muito corajosa, se meter numa confusão dessas...

— Coragem? Nem precisa. As secretárias podem não ser pagas para oferecer água e cafezinho, mas todas acabam tendo que fazer isso alguma vez. Por isso, resolvi tirar partido.

— E o que eles disseram? Ficaram bravos? — eu quis saber.

— Só a dona Charlotte fez cara de quem não gostou. Os homens, tudo bem. Eles acham normal serem servidos. E eu entrei bem na hora que o Peter argumentava que era importante estudar aquela oferta. No fim, o "seu" Hans ficou de pensar se ia ou não receber o consultor na segunda. E o meu palpite é que ele vai receber.

— Quanta coisa! — eu disse.

— Mas ainda não acabou, Fafá! — avisou meu primo.

— Quando terminou a reunião, a Charlotte esperou todo o mundo sair e daí chegou perto de mim e disse: "O que é que o seu primo Mozart tem que chamar o delegado e mandar analisar os bombons? É uma tolice ficar inventando que os bombons estão envenenados!".

O Mozart deu um salto da cadeira, assustando a Juli, que saiu correndo.

— Viu, viu como eu tinha razão em suspeitar! A Charlotte está junto com o Peter nessa história de espionagem e eles tentaram tirar o pai da jogada com uma caixa de bombons! Só que o velho é forte como um touro! — falou meu primo e eu fiz que sim com a cabeça. Nunca vi perna tão pesada como a do "seu" Hans.

O Mozart continuou. Parecia aqueles detetives de cinema, explicando para a platéia abobalhada que o criminoso era o mordomo e por quê.

— Acontece que nem o Peter nem a Charlotte esperavam que o pai se recuperasse tão depressa do atentado. Porque se ele não fosse tão forte, podia estar ainda agora de cama, isso se não estivesse mortinho da silva, e os dois irmãos é que iam receber o consultor e negociar tudo sozinhos!

Meu primo tomou um gole de café e continuou:

— E o espião está fazendo contato com a dona Charlotte para saber quais são as novas instruções e ela não quer que ele telefone para a fábrica para não levantar suspeitas. Provavelmente os contatos devem ser feitos por ela, e ele tem que esperar que ela o procure, como nos filmes!

Nesse momento, meus pais entraram na cozinha para tomar café. A Tina e o Mozart repetiram tudo e eu percebi que o sorriso do meu pai, aquele que mostra que ele não está acreditando, foi ficando meio

murcho, até que desapareceu.

— Para mim, existe um complô — falou o meu primo.

E desta vez ninguém duvidou.

24. Marcados Para Morrer

Na segunda-feira de manhã fui para a escola preparada para contar as últimas suspeitas para o Zelé e o Quaquá. A dona Charlotte era a suspeita número um e o Peter o suspeito número dois. Eu até tinha sonhado que ela queria me envenenar porque eu sabia que ela estava mancomunada com o espião para matar o "seu" Hans.

Acordei suando frio. Uma pessoa que tenta matar o próprio pai não vai hesitar em matar uma aluna que sabe disso. Mesmo que a aluna fosse eu, filha da química da fábrica!

— Zelé — chamei. — Vem cá.

O meu amigo saiu da sala e foi comigo até o recreio. O Quaquá veio junto. E eu contei todas as minhas suspeitas.

— Então é grave, Fafá! — espantou-se o Zelé.

— Estou morta de medo! — confessei.

— Te-te-temos que-que guardar se-segredo! — avisou o Quaquá. — Se ela des-desconfia que-que nós sabe-bemos, po-pode ser o no-nosso fim!

Cruzei os dedos sobre os lábios. Eles também. E juramos não contar para ninguém.

— Não podemos colocar a nossa vida ou a dos outros em perigo! Quem souber desse nosso segredo, vai ficar marcado para morrer! — disse o Zelé.

Senti um calafrio subir até o pescoço.

O Zelé olhou o relógio.

— Chi! A aula já deve ter começado e nem ouvimos o sinal — falou.

Nós saímos correndo. Quando cheguei perto da porta da nossa sala, parei. O Quaquá e o Zelé também. Respiramos fundo. A aula era de geografia e a professora era a dona Charlotte!

— Um, dois e três! — contou o Zelé. E entramos na sala.

Dona Charlotte interrompeu a aula e olhou para nós. Um olhar de dar arrepios.

— Atrasados... Vocês sabem o que podem esperar se continuarem a

proceder desse modo... — ela falou.

Eu gelei. Quando você conhece um segredo tão grave como o que nós conhecemos, você percebe de longe o cheiro de ameaça no ar. Olhei para o Zelé e para o Quaqué. E foi nesse momento que nós soubemos que estávamos marcados para morrer.

Depois da aula, nós três saímos para passear no centro. No meio do caminho o Quaqué me deu um cutucão.

O espião estava a dois passos de nós, olhando uma vitrine. Paramos como congelados.

E ele olhava com tanta atenção, que o Zelé disse:

— Não é a vitrine que ele está vendo, deve ser alguém dentro da loja.

O espião retirou do bolso do paletó um envelope grosso e entrou na loja.

— Vamos — eu disse, chegando para a vitrine. De lá a gente podia ver o que acontecia dentro da loja.

— Olha só! — exclamou o Zelé.

— E a do-do-dona Charlotte! — admirou-se o Quaqué.

Nós demos mais um passo, encostamos o nariz no vidro da vitrine e vimos: o espião chegou perto da nossa professora e estendeu o envelope!

— Estão mancomunados mesmo! — eu falei, mal acreditando no que via.

— O que será que ele está entregando para ela? — disse o Zelé.

A dona Charlotte olhou para ele, e nisso ela viu nós três, o Zelé, o Quaqué e eu, atrás da vitrine, espiando tudo! Ela deve ter percebido que havia testemunhas e por isso fez um gesto de quem diz *não* e deixou o espião com o envelope estendido.

— Por aqui! — me puxou o Zelé.

Nós tratamos de nos esconder atrás de um carro. A dona Charlotte passou por nós sem nos ver e foi embora.

— E agora? Eu acho que ela nos viu — eu disse.

O Quaqué fez que sim com a cabeça, muito sério.

— Nós testemunhamos e as testemunhas são muito importantes! Ela pode avisar o espião, e ele vai tentar nos tirar do caminho — alertou o Zelé.

Eu senti o gosto de envenenamento entrando pela minha boca, descendo pela garganta. Pus as mãos em volta do pescoço: argh!

— Olhe! O espião está saindo da loja! — avisou o Zelé.

— Vamos atrás dele! — eu disse. — Quem sabe a gente descobre mais alguma coisa...

O Quaquá coçou a cabeça:

— E arri-riscado.

Mas nós fomos. O espião estava andando em passo normal e era fácil segui-lo.

— Parados! — era o Zelé que avisava.

O espião tinha parado para comprar um jornal. Em seguida continuou, mas apertou o passo. Nós também. Depois ele diminuiu o andar, foi diminuindo tanto que comecei a desconfiar.

— Zelé, ele percebeu que está sendo seguido! — falei.

— Será? — duvidou o meu amigo.

O espião voltou a andar apressado. E nós atrás.

— Epa, para onde ele foi?! — me assustei quando chegamos na esquina. O espião tinha sumido!

— O que vocês querem? — alguém falou atrás de nós.

— Ai, ai, me solta! — era o Quaquá, que de tanto susto nem gaguejou.

O espião segurava o Quaquá pela camisa. O Zelé tentou dar uns socos, mas o homem nem se moveu. O Quaquá esperneava e o espião não soltava.

— Vamos, diga logo! — o homem dizia.

Tive uma idéia:

— Zelé, assim! — gritei, agarrando o braço do espião e dando uma boa dentada. O Zelé fez o mesmo no outro braço. Na terceira dentada minha idéia funcionou. O espião largou o Quaquá.

Num instante, nós três estávamos correndo. Subimos a escadaria da Igreja Matriz num *zump*. E só fomos parar quando tivemos certeza de que ele não ia mais nos pegar.

— Pen-pensei que e-eu ia morrer! — falou o Quaquá, respirando fundo. — A-ainda bem que-que vocês me salvaram!

— Ele é perigoso, Fafá — disse o Zelé. — Estamos em perigo de vida, agora!

Depois desse dia e da ameaça da dona Charlotte, nós três nunca mais nos atrasamos para a aula dela. E também nunca mais quisemos ficar sozinhos com ela no mesmo lugar. Você nunca sabe o que pode acontecer quando o principal suspeito de um envenenamento é o seu professor ou professora! Principalmente depois do que nós três vimos lá



*Na terceira dentada de Fafá,
o espião largou o garoto.*

na loja e do que aconteceu com o Quaquá.

— O-o espião con-continua à espre-preita — avisou o Quaquá.

— Estamos na mira do espião e da dona Charlotte — disse o Zelé. — Todo o cuidado é pouco!

25. Para o Aeroporto!

Na hora do almoço, eu contei o que o Zelé, o Quaquá e eu tínhamos testemunhado e o que aconteceu em seguida.

— Vou atrás desse espião para ver se consigo pegar esse envelope. Tenho certeza de que o envelope contém material de sobra para incriminar a dona Charlotte e provavelmente o Peter também — concluiu meu primo.

Eu quis ir com ele, mas a minha mãe não deixou. Ela achava muito perigoso e eu tinha que fazer lição de casa.

Depois do almoço, todo mundo saiu. A mamãe e a Tina para a fábrica, o papai para o banco, o Mozart atrás do espião e o Teco para o maternal. Todo mundo ocupado. Até a Juli tinha o que fazer lá em cima do telhado. Só fiquei eu, nessa tarde sem graça, com um montão de lição chata para fazer. Lição de alemão, de que até gosto. E lição de história, de que não gosto. A Tina disse que a história verdadeira, aquela que aconteceu, não existe, o que existem são as versões. Em geral, a versão mais usada é a da turma que venceu a guerra ou levou a melhor. Por isso, acho uma bobagem ficar estudando essa matéria. Primeiro porque é sem graça mesmo, segundo porque o livro nunca diz de que turma é a versão.

Acho que ainda vou escrever toda essa história sobre a espionagem da fábrica. Mas aí vou avisar que a versão é minha. E vou escolher um nome bem legal. Por exemplo, *Confusões e calafrios*. As confusões são as que o Mozart e a Tina sempre arrumam. Os calafrios, por causa da dona Charlotte e do espião. E unindo as duas palavras eu vou colocar um *E* caprichado como *&*. Isso se eu conseguir sobreviver às confusões do meu primo e aos riscos de ser aluna da dona Charlotte...

Eu estava aborrecida também porque sabia que o "seu" Hans ia receber o consultor da Castro & Costa naquela tarde e eu nem estaria lá para ver o que ia acontecer.

Comecei a estudar quando tocou o telefone. Dei um pulo para atender. Qualquer coisa que me arranque do meu livro de história me deixa contente.

— Alô, alô! — parecia uma voz conhecida. A ligação estava ruim.

— Com quem quer falar? — eu gritei.

— Com a Tina!

— Quem quer falar com ela?

— A Priscila.

Puxa, era a Priscila! E nós tínhamos falado dela ainda outro dia...

— Priscila, aqui é a Fafá. A Tina não está. Quer deixar recado?

Ouvi um silêncio lá do outro lado.

— É o seguinte, Fafá. Eu estou no aeroporto de Cumbica e estou indo para aí agora! Eu quero saber se posso pernoitar na casa de vocês.

Fiquei dividida entre uma porção de perguntas que eu queria fazer e a resposta que ela estava esperando. Acabei decidindo por uma das perguntas:

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, não. Depois eu conto. Daqui a uma hora mais ou menos eu estarei chegando no aeroporto de Navegantes. Será que eu posso dormir aí?

Eu não sabia bem o que responder. Tinha que perguntar para a minha mãe antes. Depois, onde é que ela ia ficar? No sofá?

— Tchau, Fafá, preciso ir. Já estão chamando os passageiros do meu vôo. — E a amiga da minha irmã desligou de repente.

Fiquei tentando imaginar que novidade era aquela quando o Mozart chegou.

— Adivinha quem acabou de telefonar?

— Hum... o doutor Enzo?

— Não.

— Então... o "seu" Hans?

— Também não.

Meu primo franziu a testa. E pensou alto:

— Poderia ser o Peter ou a dona Charlotte... mas os dois devem estar neste momento se encontrando com o consultor. Aliás, eu adoraria estar nessa reunião... Desisto, Fafá, quem telefonou?

— Tenta mais um pouco — eu insisti.

— O que é afinal que você está estudando? — ele quis saber. E meu primo lançou um olhar sobre o livro de história e entendeu tudo: — Eu já devia ter desconfiado por que você estava enrolando tanto. Fafá, pára de fazer suspense e diz logo!

Contei então todo o telefonema. Tintim por tintim, com detalhes e pormenores. Quem sabe assim a tarde acabava mais depressa?

— Que estranho! O que será que a Priscila vem fazer aqui? Será que ela ainda tem parentes na cidade? — falou meu primo. — Será que aconteceu alguma coisa e ela decidiu fazer uma visita ao passado? *Revisitar* o passado... Bonito, né?

Foi aí que eu lembrei que a Priscila já tinha morado aqui. Mas isso faz muito tempo, acho que eu era nenê. Ela me contou quando soube que nós vínhamos para cá.

— Revisitar o passado? Ela parecia tão afobada. Como se tivesse decidido vir de repente. Acho que ninguém decide revisitar o passado assim nessa pressa — falei.

Pelo visto o Mozart já estava tendo outro dos seus ataques de excesso de imaginação.

— Quer saber? Eu vou é para o aeroporto.

— Oba, também vou!

— Eu quero descobrir o que está havendo. Sempre suspeitei de algo no passado da Priscila — disse meu primo.

Peguei um casaco enquanto meu primo apanhava a chave do carro da Tina.

E lá fomos nós descobrir por que a Priscila resolveu voltar com tanta pressa à cidade onde morou há muitos anos atrás...

26. A Amiga da Minha Irmã

O aeroporto de Navegantes fica a 55 quilômetros de Blumenau e o caminho é lindo e cheio de verde.

— Olha, deve ser o avião da Priscila — falou o Mozart.

Lá longe, o avião parecia um pontinho, depois o pontinho foi crescendo, aumentando e lembrou uma andorinha, mais um pouco e já era avião mesmo, dando uma volta no céu e depois embicando o nariz para a pista. E *vuummm*, o avião estava descendo.

— Priscila! — meu primo gritou.

A amiga da minha irmã desceu do avião. Parecia estrela de cinema com aqueles óculos escuros e um lenço esvoaçando. Ela estava com roupa de mulher de negócios, como ela mesma me explicou uma vez: uma roupa bonita, mas discreta, saltos não muito altos, o lenço esvoaçante no pescoço e na mão a pasta de trabalho. De onde estava nem podia ouvir o Mozart. Só foi ouvir quando saiu da sala de desembarque. E levou o maior susto quando nos viu.

— Vocês aqui? — e nos beijou.

— Viemos para levá-la para casa — respondeu o Mozart.

Priscila consultou o relógio.

— Agora? Não posso. Estou atrasada.

— E as malas, Priscila? — perguntei, estranhando que ela viesse sem bagagem.

A amiga da minha irmã fez uma cara engraçada.

— Eu tenho uma reunião agorinha mesmo. Explico no caminho. Vocês me dão uma carona até este endereço? — e ela nos mostrou um papel com o nome de uma rua datilografado.

Olhei para o Mozart. Eu não sabia onde ficava aquela rua de nome alemão, apesar de ter certeza de já ter visto antes. Eu sei chegar nos lugares, mas nunca sei o nome das ruas.

— Eu não estou muito certo, Priscila — falou meu primo — mas chegando na cidade nós vamos perguntar.

— Vá depressa, Mozart, mas não precisa nos matar — pediu Priscila. — Imagine que na última hora o escritório decidiu que quem iria fazer essa viagem seria eu!

Eu olhei para o Mozart. Só ele mesmo para fantasiar a Priscila revisitando o passado...

— Saí com tanta pressa que nem escova de dentes eu trouxe comigo!

— Se você quiser, eu lhe empresto a minha — ofereceu meu primo.

Como diz a minha mãe, o Mozart é *ímpar* para pensar uma coisa dessas. O papai sempre diz que há duas coisas nesse mundo que não se deve emprestar: escova de dentes e carro. E pela cara da Priscila ela deveria concordar com o meu pai, pelo menos no que se refere à escova.

Na cidade, começamos a perguntar pela rua.

— Moço — informou um rapaz — é só continuar reto. Depois da praça, vire à esquerda, que já é a rua.

Foi o que o Mozart fez.

— O número é 324 — disse a Priscila.

— Epa, olhe só onde estamos! — espantou-se meu primo.

O número 324 da rua que nós não conhecíamos era o da Fábrica de Cervejas Schmidt.

— Muitíssimo obrigada — Priscila agradeceu. — É aqui mesmo. E me desejem boa sorte! — disse enquanto saía do carro.

O que é que a Priscila ia fazer na fábrica?

— Vamos! — comandou meu primo, deixando o carro também. — Vamos ver isso de perto.

— Mozart, você não pode deixar o carro aqui. Eles vão multar! — avisei.

— Não, não vão — ele respondeu. — Seria muito azar. E depois, não há tempo!

Decidi ficar quieta. O que ia acontecer é que a Tina ia ficar bravíssima. Tratei de fechar a porta do meu lado e subir os degraus da fábrica, correndo, de dois em dois. A Priscila e o Mozart já sumiam lá dentro.

27. O Que Você Está Fazendo Aqui?

Quando alcancei o hall de entrada, topei com a Priscila e a Tina se encontrando.

Minha irmã carregava uma pilha de papéis e, quando viu a amiga, ficou parada como um ponto de interrogação.

— Priscila? O que você faz aqui? — exclamou.

— Eu sei o que eu estou fazendo aqui. Eu quero saber o que você está fazendo aqui?!

— Estou trabalhando, ora. Conte isso para você na minha última carta.

— Não chegou. Que coincidência... Então você deve saber... Vocês não receberam a chamada de São Paulo? O meu escritório falou com Hans Schmidt sobre o contratempo que houve. Eu estou substituindo o Décio Gorgulho.

A Tina bateu com a mão na cabeça.

— Claro! Eu passei uma ligação do Castro & Costa para o "seu" Hans, logo no início da tarde. Em seguida, ele me avisou que havia acontecido uma alteração e que era para eu avisar assim que chegasse a consultora do Castro & Costa. Quando eu perguntei qual era o nome, ele disse que me passaria em seguida, mas aí a Charlotte entrou na sala e ele deve ter esquecido. Mas quando é que eu podia imaginar que era você...?

— Então, pode me levar para a sala de reunião, porque estou atrasada — pediu a Priscila.

— Por aqui — a Tina indicou o caminho com ar de secretária executiva.

O Mozart me cutucou:

— Vamos, anda!

— Atrás delas?

— Isso mesmo — cochichou o meu primo enquanto ia me empurrando. — Você não quer ver no que vai dar tudo isso? Faz de conta que somos duas sombras.

Fiz o que ele mandava. Minha irmã olhou para nós com cara feia, mas não adiantou nada. O Mozart me segurava pelos ombros e me fazia andar de qualquer jeito. Além do que, eu também estava curiosa. Com a curiosidade das sombras que vão seguindo a gente: quando você vai pelo sol, elas se espicham pelo chão e fazem de conta que estão dormindo, só para enganar, mas quando você anda na sombra dos prédios e muros, elas se levantam rapidinho pra espiar por cima do seu ombro, escondidas pela sombra maior...

— Aqui, à direita, Priscila. Estão todos à sua espera. Só falta o...

Nesse momento, surgiu do outro lado do corredor o Peter. A Tina esperou ele se aproximar. Eu e o Mozart paramos um pouco atrás como duas sombras que se prezam. Só faltou a gente se espichar no chão.

— Peter, deixe-me apresentar a doutora Priscila, que é a consultora do Castro & Costa, de São Paulo. Doutora Priscila, este é o Peter, um dos sócios da fábrica — falou minha irmã com o maior profissionalismo.

Eu não acreditei no que vi. Não estou falando do profissionalismo da minha irmã, mas do gesto do Peter! Ele estava de mão estendida e retirou a mão assim que bateu com os olhos nos olhos da Priscila!

Na hora eu até pensei que fosse um resto de trauma da azeitona da festa. Mas depois eu vi que não, porque, mesmo sem jeito, ele teve que devolver a mão para apertar a da Priscila, que estava lá estendida e esperando. E a cara dela... Abobada como se tivesse visto uma sombra do... do passado! Ela estava corando! Parecia que eles já se conheciam. Seria a volta ao passado que o Mozart havia imaginado?

28. Vocês nos Devem uma Explicação!

Minha irmã foi na frente, seguida pela Priscila e pelo Peter. Abriu a porta da sala de reuniões e deixou passar os dois. O Mozart conseguiu ver com o rabicho do olho o "seu" Hans se levantando para cumprimentar muito cerimonioso a Priscila. E eu pude ver a dona Charlotte, por inteiro, vir até a porta que a minha irmã tinha deixado meio aberta e fechá-la na nossa cara.

— A Tina conta para a gente depois — me consolei. — Mozart, acho melhor tirar o carro lá da frente antes que ele seja multado — sugeri.

Meu primo deu um suspiro e veio atrás de mim. Não imediatamente. Antes ele tentou descobrir alguma coisa, encostando o ouvido na porta e depois pregando um olho na fechadura. E descobriu. Descobriu que alguém, muito espertinho, havia colocado papel no buraco da fechadura.

Foi só por isso que o meu primo veio atrás de mim, bem atrás, como sombra alongada. E resmungando contra o tapador de buracos de fechadura. Isto é, até chegarmos na porta da fábrica...

De lá de cima se podia ver o carro, o pára-brisa e um guarda de bloco e caneta nas mãos. O Mozart emudeceu e desandou a descer os degraus como se fosse um *skate* eletrificado. Quando chegou, o guarda já se retirava e o pára-brisa da Brasília tinha um papel amarelo preso pelo limpador.

— Seu guarda! — ele gritou, mas o homem foi embora sem lhe dar atenção.

Meu primo retirou o papelzinho amarelo da multa e o colocou no bolso.

— Não precisa dizer nada — ele avisou.

E eu não disse. Só escrevi mentalmente um C.Q.D. no caso. *C. Q.D. de Como Queríamos Demonstrar* que os matemáticos gostam de colocar no final dos teoremas, depois de provarem que quem tinha razão eram eles mesmos.

O Mozart entrou no carro e estacionou na transversal. E ficamos por lá, aguardando o fim da reunião.

Uma hora e meia depois, a Tina e a Priscila desciam a escadaria da empresa. Corremos para saber das novidades.

— Então, já acertaram a compra da fábrica? — perguntou meu primo.

— Você não vai acreditar, Mozart, no que aconteceu — respondeu minha irmã.

— Conta, conta — pedimos meu primo e eu.

— A Priscila fez a melhor exposição do mundo. Mostrou com números e gráficos a situação da fábrica e como ela pode melhorar a rentabilidade se forem feitas algumas alterações.

— Claro — disse a amiga da minha irmã — eu e o Décio estamos trabalhando fundo nesse projeto há três semanas! É o meu primeiro projeto desde que aceitei o convite para trabalhar nesse escritório.

— Ah, agora eu estou entendendo. Eu tinha a impressão de que você havia comentado alguma coisa sobre esse escritório de consultoria e não sabia o que era...

— Era o convite para trabalhar com eles. E eu acabei aceitando. A oferta deles era irrecusável, Tina. O problema é que o Décio foi chamado com urgência a Brasília. Então o meu chefe me escalou para cá. É importante para mim que isso dê certo. Ah, se eu soubesse...

— Soubesse o quê? — insistiu meu primo.

— Para a minha carreira no escritório, Tina — continuava Priscila — a coisa mais importante é fechar esse negócio. Se eu soubesse o que sei agora, não ia aceitar esse projeto e nem teria vindo a Blumenau!

Priscila estava mesmo nervosa. Eu não me lembrava de ter visto a amiga da minha irmã assim antes. Ela estava sempre com tudo sob controle, como ela mesma diz. O que será que tinha acontecido?

— Você bem que podia ter me avisado, Tina! A culpa é sua!

Eu e meu primo olhávamos ora para uma, ora para outra. E não conseguíamos entender o que estava acontecendo. As duas ficavam falando entre si e não respondiam às nossas perguntas.

Finalmente, o Mozart teve um dos ataques dele.

— Podem parar! Vocês nos devem uma explicação! — gritou, gesticulando e saltando com o maior estardalhaço. Igualzinho no palco, quando a banda dele anima as festas da minha escola. Quer dizer, da minha ex-escola.

29. O Inimaginável Acontece

A Tina resolveu explicar o que estava acontecendo. Antes sugeriu que entrássemos no carro e ela iria contando tudo no caminho.

— Depois de toda a exposição da Priscila, o "seu" Hans disse que havia ficado muito impressionado com os dados levantados e que, apesar de no início ele ser contra a modernização e a venda da fábrica, a Priscila o tinha convencido de que valia a pena, pelo menos, considerar as propostas.

— Que propostas? — eu quis saber.

— Uma delas é a de uma grande indústria comprar a cervejaria, injetar dinheiro e técnicas mais modernas, com a vantagem de o "seu" Hans e os filhos poderem continuar na direção da fábrica, contando com o auxílio de assessores especiais — falou Priscila.

— E a Priscila seria uma delas — emendou minha irmã.

— A outra proposta evitaria a venda da fábrica. Os Schmidts fariam um investimento na fábrica, aconselhados pelos consultores do Castro & Costa. O "seu" Hans gostou dessa segunda idéia. Ele disse que o único

defeito que via na proposta de modernização era o preço da consultoria. Só que nessa hora, em que parecia que ia dar tudo certo, imaginem o que aconteceu!

— Conte! — pedimos o Mozart e eu ao mesmo tempo.

— O incrível, o inimaginável aconteceu! — desabafou a Priscila.

— Fala logo — explodiu meu primo. Aquelas duas ficavam fazendo suspense e nós dois secos de curiosidade.

— O que aconteceu foi que o Peter, que tinha contratado o escritório e que era quem queria as mudanças, resolveu, de repente, se levantar e dizer muito simplesmente que era contra o projeto! E que ele não queria mais saber de negociação nenhuma! E saiu da sala deixando todo mundo de queixo caído.

— Deu a louca no Peter? — perguntou o Mozart.

— Você devia ter me contado — reclamou Priscila com a Tina.

— Mas como eu ia saber?!

— Mas eu lhe falei uma vez do que tinha acontecido entre mim e o Lilico...

— Mas como eu ia adivinhar que o Lilico e o Peter eram a mesma pessoa? — explodiu a Tina. E tem mais: se foi o Peter quem contratou os serviços do Castro & Costa, como você não percebeu que ele e o Lilico eram a mesma pessoa?

— Porque devem existir uns mil Peters Schmidts no sul deste país. E porque sempre que eu penso no Lilico é como Lilico. Quer dizer, quando eu penso no Peter, eu penso em Lilico.

Nessa hora, o Mozart começou a bater palmas:

— Eu não disse? Está aí a Priscila revisitando o passado...

E a Priscila contou meio por alto o que ela deve ter contado a fundo para a minha irmã, que é amiga dela. Que ela e o Peter tinham namorado quando ela morou na cidade. Ela devia ter uns dezoito anos e "seu" Hans ainda não havia comprado a fábrica. Eles eram apaixonados, mas o Peter não queria que ela deixasse a cidade para estudar. Priscila deixou Blumenau com a família e foi para São Paulo, para estudar na Fundação Getúlio Vargas, que era o sonho dela. E eles não se falaram nunca mais.

— Está explicado — comentou o Mozart quando Priscila terminou.

— É, está explicado como é que perdi a primeira grande chance da minha carreira. É até uma ironia... — disse a amiga da minha irmã.

— Talvez... talvez haja um meio de resolver isso — disse meu primo. Ficamos todas olhando para ele.

Mas ele permaneceu em silêncio.

30. O Plano Do Mozart

Foi uma surpresa para os meus pais encontrarem Priscila em casa, quando voltaram do trabalho.

Mamãe, apesar de empregada na fábrica, tem mais o que fazer no laboratório do que andar pelos corredores da administração.

Naquela noite, o jantar acabou sendo meio triste. O Teco até que fez umas gracinhas e trouxe para a Priscila toda a sua coleção de pedrinhas. Mas não adiantou muito.

Meus pais adoram a Priscila e, no fundo, eu desconfio, mas ainda não consegui colocar o meu *C.Q.D.*, que eles esperam que ela passe para a minha irmã um pouco de maturidade. Mas do jeito que a Tina e o Mozart andam juntos, a Priscila pode fazer o que quiser que o meu primo se encarrega de desfazer.

— É compreensível que o Peter, que desejava tanto a modernização e a venda da fábrica, tenha mudado de idéia agora. Afinal, a pessoa encarregada de acompanhar e gerenciar o processo, qualquer que seja a proposta escolhida, há de ser você, Priscila — falou minha mãe. — Deve ser difícil para ele aceitar isso.

A consultora fez um sinal de cabeça. Ela estava mesmo inconsolável.

— E o "seu" Hans gostou da segunda proposta — ajuntou Priscila. — Isso significa que, se o Peter tivesse ficado quieto, nós teríamos fechado negócio! O Castro & Costa daria a assessoria necessária para a fábrica se modernizar!

— O "senhor" Hans disse que não gostou do preço da assessoria — lembrou a Tina.

— Assessoria, consultoria, tudo isso custa dinheiro, minha filha — disse meu pai. — Mas é uma boa forma de investimento. Evita que você jogue dinheiro fora.

— Mas, conhecendo a avareza do "seu" Hans — falou minha mãe — ele vai fazer de tudo para economizar esse dinheiro. Só não sei como, mas ele vai descobrir um jeito!

A Priscila deu um suspiro:

— Nem adianta mais falar disso. O Peter estragou tudo.

Mais tarde, de madrugada, quando fui traída mais uma vez pelo meu estômago, topei com a Tina e o Mozart sentados no sofá da sala, conversando. A Priscila dormia no quarto da minha irmã.

— Nós queremos ajudar a Priscila. É muito importante para ela fechar essa negociação — disse a Tina.

— Tenho uma idéia — disse meu primo. — Vamos convencer o Peter de que ele tem que colaborar.

— Mas como? — perguntei.

— Hum, deixe-me ver — meu primo tentava pensar em algo. — Já sei. A Tina vai falar com ele.

— E por que eu?

— Porque faz parte do plano, ora. Você vai tentar comovê-lo, mostrar que a bem-amada carreira da Priscila está nas mãos dele. E dizer que ela sempre falou muito bem dele e que ela ainda gosta dele!

Minha irmã ficou pensativa um instante:

— Um: não sei se a Priscila ainda o ama; dois: supondo que isto não resolva, o que vai acontecer?

— Ah, mas o meu plano é especial. Ele tem saída de emergência. Se não der certo, nós acionamos a parte dois: eu telefono para o Peter, dizendo que é do escritório de São Paulo. E que soubemos que ele, o maior interessado no negócio e quem tinha contratado os consultores, havia desistido logo após a reunião. Aí, eu digo que tomaremos a providência de despedir a Priscila por causa disso.

— Mas eles não vão despedir a Priscila por isso! — protestei.

— Claro que não. O importante é que o Peter acredite. Ele pode ser turrão, mas a consciência dele vai falar mais alto, e ele vai voltar atrás. Tenho certeza!

— Sabe que eu acho que vai dar certo — concordou a Tina.

Eu ia dizer que não acreditava muito, mas também não queria passar por pé-frio. Preferi ficar de boca fechada.

— Vamos falar com a Priscila agora e expor os nossos planos! — propôs a Tina.

— Agora? — estranhei. — São duas horas da madrugada!

— Agora, por que não? — E dirigiram-se para o quarto onde estava a Priscila.

Posso ser contra uma idéia, mas já que não me ouviram, gosto de, ao menos, acompanhar para ver se a minha hipótese está correta. E se estiver, eu *plaft*, bato meu carimbo de *C. Q.D.*

— Acorde, acorde! — disse minha irmã.

Priscila dormia como um anjo. Mas, com os chamados de Tina e o chacoalhão do meu primo, ela despertou.

— Ahn, o que houve? — disse meio abobalhada.

Eles expuseram o plano. Não por completo, porque ela não deixou que terminassem: — Nem precisa continuar. Sou contra. É uma loucura o que vocês estão propondo. Prefiro ser realista: não deu certo e pronto. Amanhã vou-me embora no vôo da tarde. — E a Priscila pôs o travesseiro sobre a cabeça e voltou a dormir.

De volta à sala, meu primo deu um longo suspiro:

— Acho que ela estava dormindo quando renegou o nosso plano. Um plano tão bom...

Pessoalmente, eu estava com a Priscila. Mesmo dormindo, ela tem mais juízo que a Tina e o Mozart juntos e acordados.

— Eu também acho: sonolenta como estava, não tinha condições de avaliar o plano em todas as suas potencialidades... — disse minha irmã. — É isso aí: acho que devemos levá-lo adiante, apesar da Priscila.

— Também acho — declarou meu primo.

Eu resolvi não achar nada. Mas me preparei para ver o que ia acontecer.

31. Os Melhores Da Classe

No dia seguinte, a dona Charlotte passou uma leitura para fazermos em equipe, na sala de aula. Eu deixei a minha carteira e fui para o canto onde nós costumamos trabalhar.

— Sabem de uma coisa? — cochichei para o Zelé e para o Quaquá. — Desconfio que a dona Charlotte está sozinha, mancomunada com o espião. Se o Peter tivesse tentado envenenar o pai por causa da fábrica, não ia ser uma ex-namorada, revisitando o passado, que ia fazê-lo mudar de idéia — eu disse.

O Zelé concordou. Desde que ela percebeu que nós vimos tudo através da vitrine, ela passou a nos tratar muito bem. Com muita amabilidade, como diria a minha mãe. E nós três estávamos muito preocupados.

— Quando eu cheguei hoje de manhã, na escola — contou o Zelé — eu vi o espião atrás de uma árvore. Acho que ele está à espreita, pronto para dar o bote na gente. Eu mudei de calçada e vim correndo. Passei por um perigo!

— Não sei o que é pior — eu disse. — Pode ser que eles tenham combinado que quem vai fazer o serviço de envenenar a gente vai ser a dona Charlotte... É mais fácil para ela, que é a nossa professora. Principalmente agora que ficou claro que o Peter não está mancomunado

com ela e o espião.

— Você acha que ela faria isso? — o Zelé duvidou.

— E-e-ela vai dis-disfarçar — gaguejou o Quaqué.

Concordei com ele:

— Ela vai dar um jeito de nos envenenar sem que ninguém perceba.

Nesse momento, senti a mão de alguém sobre o meu ombro. Olhei para o Zelé. Ele estava branco como cera. Era fácil adivinhar que a mão fria que me segurava era a da dona Charlotte.

— Hoje, como em todos os anos, eu vou premiar a equipe mais disciplinada da minha aula. E a equipe que nunca mais entrou atrasada na sala e entrega os trabalhos no prazo certo.

Toda a classe olhou para nós.

Dona Charlotte abriu uma sacola e retirou três livros de geografia com fotos coloridas.

— A equipe do José, da Fátima e do Gustavo tem se mostrado a equipe que mais se aplica em geografia. Por isso quero presentear-los com um exemplar do meu livro sobre o Vale do Itajaí. — E a nossa professora entregou um exemplar para cada um de nós.

Nós agradecemos, mas a dona Charlotte não tinha acabado.

— Este ano vamos ter uma surpresa — ela disse. — E das boas. Junto com os livros que são um prazer para os olhos e para o intelecto, a equipe premiada vai ganhar também algo que seja um prazer para o apetite.

E a nossa professora retirou três caixas de bombons, vermelhas e em forma de coração!

Eu olhei para o Zelé, o Zelé para o Quaqué e o Quaqué para mim. Foi um instante. O Zelé deu um salto sobre a carteira e, de salto em salto, de carteira em carteira, sumiu. O Quaqué passou por baixo de uma carteira vazia, esbarrou na carteira da Karen, caiu em cima do Klaus e esparramou o material da Agnes no caminho da fuga. E eu nem sei o que fiz. O que sei é que num instante nós tínhamos fugido dos bombons envenenados!



*Num instante, Fafá,
Zelé e Quaquá fugiram dos bombons envenenados.*

32. A Missão Da Tina

Depois da aula fui procurar a Tina na fábrica. Eu estava doida para contar sobre a tentativa de envenenamento que tínhamos sofrido e saber o que ela tinha conversado com o Peter, para realizar a primeira parte da idéia do Mozart. Eu queria saber se o Peter havia concordado. Saí da escola com a Karen, que não tinha entendido nada da nossa fuga maluca e eu também não podia explicar, porque o segredo poderia colocar a vida da minha amiga em perigo. E eu sou muito responsável.

— Então, como foi? — perguntei para a Tina, depois de contar tudo o que aconteceu na escola. A Tina achou que fizemos bem em não pegar os bombons

— Ele ainda não chegou. Mas assim que chegar eu falo.

Eu estava por ali, quando apareceu "seu" Hans. Ele parou na frente da mesa da secretária, abriu a boca como quem vai dizer alguma coisa, fechou em seguida, abriu outra vez e fechou sem falar nada. Depois, fez meia-volta, entrou no escritório, fechou a porta. E voltou a abrir de novo. "Seu" Hans queria alguma coisa e não estava sabendo como dizer.

— Tina, me diga uma coisa — falou, finalmente, bem baixinho, debruçando-se sobre a mesa. — Parece que você e a doutora Priscila já se conhecem. É verdade?

Minha irmã fez que sim. Eu me encolhi no canto em que estava e procurei ler uma revista, porque não sou como a Tina e o Mozart que ficam ouvindo o que não devem. Mas meus ouvidos acabaram ouvindo tudo, mesmo que não fosse da conta deles. Meus ouvidos são como a Juli: impossíveis de controlar.

— Por acaso a doutora Priscila não morou aqui há muitos anos? — continuou "seu" Hans.

A Tina voltou a fazer que sim com a cabeça. "Seu" Hans se aproximou mais um pouco. E falou ainda mais baixo:

— Meu filho Peter era apaixonado por uma Priscila muitos anos atrás. Será que a doutora Priscila e aquela Priscila são a mesma pessoa?

Minha irmã fez outro sim com a cabeça. "Seu" Hans deu um sorriso e saiu esfregando as mãos. O que será que ele tinha na cabeça?

Depois de meia hora de espera, eu me cansei e resolvi dar um pulo na doceria que fica ali perto. Tina decidiu ir comigo. Sentamos numa mesa e a Tina me mostrou o quanto ela é esperta.

— Você viu que eu respondi a todas as perguntas do "seu" Hans só acenando com a cabeça? Foi um truque para fazer o "seu" Hans

perguntar mais e mais, até eu descobrir onde ele quer chegar. E eu descobri que ele pretende usar essa informação. Como, é que eu não sei...

— Olhe! é o Peter chegando — cutuquei minha irmã.

A Tina foi conversar com ele. Eu fiquei onde estava.

— Você está indo para a fábrica agora? — indagou minha irmã.

Peter respondeu que não. "Chiii", pensei comigo, "se ela não falar com ele agora, não adianta falar depois que a Priscila for embora..."

A Tina contou depois que nessa hora ela se sentiu confusa. Mas isso é a versão dela. Na minha versão, eu não vi confusão alguma no rosto da minha irmã. De cara ela sapecou o que pretendia dizer para ele a sós e fechada no escritório.

— Peter, tenho que lhe falar uma coisa, como amiga e não como secretária: a Priscila é minha amiga. Nós dividimos um apartamento em São Paulo. E esta negociação é importantíssima na carreira dela.

— Problema dela — respondeu o Peter, sacudindo os ombros. — Ela preferiu a carreira... — deixou escapar.

— Tem mais, Peter. Há muito tempo que eu sei de vocês dois...

Nesse momento, o Peter corou. Ele não esperava que Tina soubesse do passado.

— A Priscila sempre me falou de alguém de quem ela gostava muito. Ela dizia que era o Lilico.

Peter parecia ter um incêndio no rosto. E fez uma careta, como se aquilo ajudasse a apagar o fogo.

— Não quero conversar sobre isso. Ah, e se você sabe tanto, pode dizer pra ela que a carreira é problema dela. Que se dane. Eu não volto atrás. — E o Peter saiu da doceria andando pesado. Com jeito de quem queria bater a porta, se houvesse alguma.

— Não funcionou — falei, pronta a carimbar o meu *C.Q.D.*

— Mas tem a saída de emergência! — disse Tina. — Vou falar com o Mozart.

Eu suspendi o carimbo no ar à espera da parte dois do plano do Mozart.

33. A Saída De Emergência

Depois do almoço e antes de voltar para a fábrica, a Tina conversou um tempão com o Mozart. A Priscila almoçou fora, na casa de uns amigos da família dela, e por isso nem soube que eles estavam pondo o plano em

ação, contra a vontade dela.

Eles não me convidaram para participar da conversa, mas também não saí da sala. Fiquei lá brincando com a Juli.

O Mozart esperou uma meia hora, depois que a Tina saiu, e telefonou para a fábrica. E foi legal: ele me disse que eu podia ouvir a chamada na extensão do quarto dos meus pais, desde que eu ficasse bem quietinha.

Tina atendeu e passou a ligação para o Peter, como se fosse um interurbano de São Paulo.

— Doutor Peter — caprichou meu primo, fazendo voz de chefe. — Eu conversei com nossa consultora, a doutora Priscila, e soube que o senhor mudou de idéia. Estamos considerando que a exposição de nossa enviada talvez não tenha sido a mais adequada ou... Enfim, pensamos que o senhor não deve estar satisfeito e vamos enviar o doutor Décio Gorgulho diretamente de Brasília para conversar com o senhor.

Houve um silêncio do outro lado, O Mozart tinha falado tudo direitinho, conforme ele e a Tina combinaram.

— Hum, não sei... — resmungou o Peter.

Mas o Mozart nem deixou o Peter continuar. Atacou direto no ponto:

— E o senhor fique tranqüilo! Nós vamos tomar providências para que essa consultora vá para o lugar certo, que é a casa dela. Pode ficar tranqüilo! Conosco é assim: satisfação garantida ou seu dinheiro de volta! — terminou meu primo.

Foi aí que eu tive a certeza de que o plano não ia dar certo. O Peter iria desconfiar. A última frase era invenção do Mozart, num daqueles ataques de criatividade que ele tem de vez em quando e que deixam a minha tia louca.

Dali a vinte minutos a Tina telefonou. Corri para a extensão dos meus pais outra vez.

— Mozart, você estragou tudo! O Peter desconfiou, me mandou telefonar para São Paulo e eu não tive outro jeito. Fiz a ligação e ele viu que era tudo mentira. Não sei o que vai acontecer... O pior é que ele acha que a idéia foi da Priscila!

— Imagina, da Priscila! Uma idéia tão boa só podia ser minha! — reclamou meu primo.

— O homem está achando que fui eu que armei essa cena toda junto com vocês e a Priscila.

— Com vocês, não, com o Mozart — protestei da extensão em que eu estava. — Eu disse que não ia dar certo — falei, descendo finalmente o

meu *C.Q.D.* na idéia deles.

— Chii — respondeu o Mozart.

E meu primo saiu, provavelmente para pensar em alguma outra idéia brilhante.

Em seguida, voltou a tocar o telefone. Era "seu" Hans querendo falar com a Priscila

— "Seu" Hans, ela não está... Espere, alguém está chegando, deixe ver se é ela.

Era.

E eu fiz uma coisa que pensei que nunca seria capaz. Uma coisa que só o Mozart poderia fazer. Ou a Tina, claro. Mas eu fiz. E estou preocupada porque é falta de, daquilo que meu pai disse, falta de ética. Mas pelo menos, depois que eu fiz, eu fiquei envergonhada. Acho que tenho andado muito com esses dois, como a mamãe sempre fala. Eu entreguei o fone para a amiga da minha irmã e corri, adivinhe para onde? Para a extensão do quarto dos meus pais. Quando a gente faz uma coisa errada uma vez, fica mais fácil fazer de novo...

— Doutora Priscila, aqui é Hans. Como vai a senhora... ou senhorita?

— Senhorita, senhor Hans — respondeu a Priscila.

— Senhorita doutora Priscila, eu estive pensando e gostaria de marcarmos uma nova reunião. Amanhã, se não for inconveniente. Estou disposto a rever algumas das minhas posições...

Percebi na voz da Priscila que ela havia ficado contente. Claro que ela não disse para o "seu" Hans. Ela só falou que iria adiar a volta e conversaria com o pessoal em São Paulo. Os dois desligaram e só então eu pus o meu fone no gancho. "Seu" Hans estava colocando algum plano em ação. O que seria?

Fui para a sala e encontrei a Priscila sentada no sofá, estudando os documentos que estavam na pasta que ela trouxe. Eu sabia que tinha que avisá-la das trapalhadas do Mozart e da Tina antes que ela encontrasse o Peter.

Sentei na banquetta perto dela e fiquei enrolando as mãos na blusa, tomando coragem, até que o pano ficou todo amassado.

— O que houve, Fafá? — ela me perguntou. — Você está com cara de quem tem a consciência culpada.

Eu não consegui dizer sim, assim com todas as letras, que são bem pouquinhas, só três. É uma palavrona difícil de falar quando se trata de confirmar a impressão que os outros têm sobre o peso da nossa consciência. Fiz sim com a cabeça. Foi o sim mais envergonhado da

minha vida.

— O que foi? — a Priscila insistiu.

Eu enrolei um pouco mais a blusa nas minhas mãos, ou as mãos na minha blusa, sei lá o que enrolei na hora.

— Eu ouvi a sua conversa na extensão do telefone. Eu sei que não devia, mas eu ouvi — falei de um fôlego só.

A Priscila abriu a boca de surpresa. Desconfio que ela pudesse esperar isso da Tina, mas nunca de mim.

— E tem mais — continuei. — O plano deles...

Foi quando tocaram a campainha. Aproveitei para sair correndo e atender.

Era o Peter. Ele entrou e foi direto para a Priscila. Começou brigando.

— Você inventou toda essa história de ser mandada embora. Mandou a Tina falar comigo. Até me comoveu. Depois mandou esse louco do Mozart me telefonar! Quando eu falei com o seu escritório, para dizer que eu reconsiderava a minha posição para não prejudicá-la, o escritório me contou que não estavam sabendo de nada. Pois fique sabendo que agora é que não reconsidero mais nada!

E o Peter ficou olhando para ela, furioso. E ela para ele, sem entender o que estava acontecendo.

De repente, o Peter fez meia-volta e foi embora.

— O que aconteceu? — falou a Priscila, com ar de zozona.

— Eu posso explicar. Eu ia começar a dizer quando ele tocou a campainha. Lembra aquele plano do Mozart?

— Plano, que plano?

— Você estava dormindo, Priscila. — E eu contei tudo para ela.

A amiga da minha irmã pegou a bolsa. Tinha chispas nos olhos e as unhas pareciam se curvar como garras de leoa. Bem, não era bem isso, mas se você passa uma temporada com o Mozart, acaba desse jeito...

— Aonde você vai? — perguntei com um pouco de medo.

— Vou matar a Tina. Dessa vez ela foi longe demais!

34. A Conexão Nebulosa

Fui atrás da Priscila. Ela entrou no táxi, e eu zás, entrei junto. Ela não reclamou. No fundo, vai ver, estava precisando de platéia. Ela subiu a

escadaria da fábrica num segundo. Quando ela chegou no *hall*, o efeito da cólera deve ter passado, porque, de repente, ela parou:

— Meu Deus, o que eu estou fazendo aqui? Eu não posso vir na fábrica assim, desse jeito, sem me chamarem! É pouco profissional! O que vão pensar?!

Acho que, se o Mozart estivesse presente, ele se prontificaria a chamar a Tina para que as duas acertassem as contas lá fora. Mas eu não sou o Mozart, por isso não fiz nada.

— Doutora Priscila?!

Era "seu" Hans que apareceu, vindo da administração. A amiga da minha irmã corou.

— Foi bom encontrá-la. Eu gostaria de pedir à senhorita que visite a fábrica, para que possamos conversar melhor amanhã.

E o velho, dando comigo ali do lado, não perdeu tempo:

— Fafá, peça a meu filho que me encontre na minha sala.

Saí deixando a Priscila confusa, tentando explicar o que fazia ali, enquanto "seu" Hans esfregava as mãos satisfeito.

Ao me ver, o Peter estranhou, mas não fez nenhuma pergunta. Apenas se levantou para ir à sala do pai. Claro que eu não contei que a Priscila estava com o "seu" Hans. Não sou boba. Na verdade, eu estava me sentindo muito importante. Um montão de coisas estava acontecendo e só eu estava vendo...

Quando o Peter topou com o pai conversando com a Priscila, a primeira reação dele foi parar. Ficou empacado no meio da sala. E respirava forte como touro.

— Meu filho, mostre a fábrica para a doutora Priscila. Gostei muito da exposição dela e marquei uma nova reunião para amanhã cedo.

Priscila e Peter estavam vermelhos e confusos. Será que eles ainda se gostavam?

Os dois saíram da sala.

— Fafá, você não. Fique aqui e me faça companhia — disse "seu" Hans, puxando da gaveta uma caixa de bombons. Vermelha e em forma de coração. — Não tenha medo que não está envenenada.

*

No jantar daquela noite, apesar de tudo o que nós perguntamos, Priscila não abriu a boca. Bem, abriu sim, uma vez, para dizer:

— Aqui, tudo o que se diz para vocês — falou apontando o Mozart e a Tina — acaba sendo usado contra. Como na polícia. Eu contei da minha história com o Lilico. E o que vocês fizeram? Armaram a maior confusão.

Nem sei o que ele deve estar pensando de mim! Eu tentei explicar, mas não sei...

Minha mãe sorriu.

— Quando o Peter passou pelo laboratório com você, não me pareceu tão contrariado — falou minha mãe, enquanto cortava o bife do Teco. — Ele estava um pouco ruborizado.

Depois do jantar, nós nos reunimos no quarto da Tina.

— Priscila, nós não tivemos tempo de contar uma coisa para você — começou meu primo. — É o caso do espião e do envenenamento do "seu" Hans.

— O quê? — espantou-se a amiga da minha irmã.

Tina contou tudo. E, no fim, comentou:

— Nós achávamos que o Castro & Costa poderia estar por trás disso, mancomunado com a Charlotte e o Peter para tirar o "seu" Hans da negociação.

— Mas nós não acreditamos que você esteja fazendo isso também — ajuntou o Mozart.

A Priscila ficou em silêncio um instante.

— Claro que o meu escritório não está metido nisso. Nós somos absolutamente sérios e éticos. Quanto à espionagem industrial, pode ser verdade — falou. — Afinal, se o nosso cliente está interessado na fábrica dos Schmidts, outros também podem estar. Por outro lado eu não acredito que o Peter fosse capaz de envenenar o pai. Ele sempre foi um homem correto.

— Mas eu acho que a Charlotte continua sendo uma suspeita... — disse a Tina. — Principalmente depois do que a Fafá viu através da vitrine.

— Sem dúvida, foi ela quem contratou o espião! — falou meu primo. — E nós vamos agarrar esse espião e provar toda a culpa da Charlotte.

— Pode ser que esse espião tenha sido contratado por uma outra indústria interessada na fábrica dos Schmidts. Mas eu tenho cá as minhas dúvidas quanto a essa espionagem industrial — concluiu Priscila.

O Mozart teimou:

— Esse espião está mancomunado é com a Charlotte. E eu vou agarrá-lo e vou provar que há uma conexão entre os dois, uma conexão nebulosa, quem sabe até infernal, mas uma conexão, garanto — afirmou meu primo, com voz de Mozart, o justiceiro.

35. Caça Ao Espião

No dia seguinte, quando eu me preparava para ir à escola, o Mozart entrou na cozinha, de blusão de couro, botas e cinturão largo.

— Vou sair junto com você — ele me disse. — Vou à caça do espião — anunciou.

Eu cortei um pedaço de cuca, olhando com o rabicho do olho para o meu primo. Estava mais para Mozart, o vingador do que para Mozart, o caçador.

— Você não acha que é muito cedo? Acho que nem o espião levantou ainda... A menos que ele também tenha escola e não queira perder a aula de geografia — ri, achando graça da minha piada.

— Pode rir — respondeu meu primo — mas ri melhor quem ri por último. Depois que eu agarrar o homem e provar a terrível conexão entre ele e a sua professora de geografia, você vai ver! E depois, hoje é a última grande chance. O dia *D*! Às 10 da manhã vai acontecer a reunião da Priscila com os Schmidts. Preciso solucionar esse caso antes da reunião.

Tomei o último gole de café com leite e me preparei para sair. Eu estava um pouco preocupada. A última vez que ouvi o Mozart falar em dia *D* e em grande chance, deu no que deu: a maior confusão na Musical FM e desemprego geral.

Meu primo saiu comigo. Quando fechamos o portão de casa, ele me mostrou um par de algemas que levava no bolso.

— Onde você conseguiu isso? — me assustei.

— Adivinha!

— Você roubou de algum guarda? — palpitei.

— Qual nada! — o Mozart riu. — Peguei emprestado do Teco, daquele jogo de polícia que ele ganhou no aniversário...

— E será que as algemas vão agüentar a força do espião? — eu quis saber.

Meu primo deu de ombros:

— Se não agüentarem, a gente usa a fita do seu cabelo. Deixe me ver se é bastante grande — disse ele, medindo a minha fita.

Dei um tapa na mão dele. Fita minha não vai prender espião nenhum. Muito menos de cervejaria.

Bem... se for um espião importante, assim de segredo nuclear, então sim, eu deixo.

Perto da escola, o Mozart me cutucou:

— Não acredito no que vejo! Olha lá, atrás daquela árvore!

— É o espião! Ele levantou cedo mesmo! — falei.

— *Psit!* — fez o Mozart. — Não vamos espantá-lo desta vez. Vamos chegar por trás, bem devagarinho e *crauu*, apanhá-lo. Eu acordei com um palpite, hoje, de que ia agarrar esse homem.

Fomos nos aproximando pé ante pé e, quando faltavam uns dez metros, o Mozart pôs um dedo nos lábios, indicando silêncio, e fez um gesto para eu parar.

— Agora, deixa que eu continuo sozinho. Vai ser perigoso e você pode se machucar! — O Mozart deu mais três passos e de repente, com um grito de guerra, que podia ser desde um *chazam* até um *uaaaaau*, caiu sobre o espião!

O espião se virou assustado com o grito e deu de cara com o Mozart Justiceiro. O Mozart já tinha as mãos em cima dele, quando o homem deu um repelão e um soco no estômago do meu primo. E fez sinal para um táxi que passava.

— Não deixa escapar! — gritou o herói surrado. Neste momento, chegavam a Karen e o irmão, de táxi, atrasados para a aula. O Mozart, ainda com a mão na boca do estômago, entrou de um lado do carro e eu, de outro.

— Siga aquele táxi! Depressa — comandou meu primo.

O taxista era um alemão grande e ruivo.

— Como queira — falou. E meteu o pé no acelerador.

— Espera, mais devagar — Mozart recomendou — não deixa ele perceber que está sendo seguido.

— Devagar ou depressa? — reclamou o taxista. — O senhor decida logo!

— Médio! — gritei do meu lado. O alemão olhou para mim e abanou a cabeça.

Perto do centro da cidade, nós vimos o táxi do espião parar. O homem acabava de descer e pagar quando o nosso táxi encostou no dele.

— Vamos! — gritou o Mozart, saltando fora.

Eu pulei do meu lado. O espião, se sentindo perseguido, voltou a correr. E nós atrás dele.

— Mozart, nós não pagamos a corrida! — avisei, enquanto corria.

— Fafá, como você pode pensar numa coisa dessas?! Nunca vi o mocinho dos filmes lembrar de fazer isso numa perseguição pra valer — respondeu meu primo.

O espião dobrou uma esquina. E nós fomos atrás. Ainda bem que

sou muito veloz, senão não conseguia correr do lado do Mozart. Nós estávamos chegando cada vez mais perto do espião, quase botando as mãos nos ombros dele, quando senti que ia tão rápido que parecia voar! Olhei para o chão e — *epa!* — ele estava lá embaixo, longe dos meus pés!

— Se vocês pensam que vão sair sem pagar, estão muito enganados! — disse o alemão, que me segurava lá no alto com a mão esquerda e prendia o Mozart com a direita.

Meu primo procurou desajeitado o dinheiro no bolso.

— Está certo? — perguntou entregando o dinheiro.

— Ainda falta — resmungou o taxista.

Enfiei a mão na bolsa e completei o dinheiro da corrida. O alemão me soltou lá de cima. Só porque sou ótima ginasta é que não me machuquei!

— E agora? Você quis fazer como nos filmes e a gente acabou perdendo o espião — reclamei. E *plaf*, bati o meu carimbo de *C.Q.D.*

— Ele não deve estar muito longe — resmungou meu primo. — Vamos!

Andamos mais um pouco.

— Espera! Você está vendo o mesmo que eu? — ele perguntou.

— É o Biergarten — respondi, olhando para o bosque cheio de árvores e mesinhas de chope à beira do Itajaí. Àquela hora, o jardim estava deserto.

Meu primo me puxou para lá.

Passamos o portão de entrada. Apenas árvores, mesas e cadeiras.

— Venha — ele falou baixinho.

Encostado numa árvore, como se descansasse, lá estava o espião! O Mozart avançou sobre ele, só que desta vez sem dar gritos de guerra, para não avisar o homem.

O espião parecia muito bem treinado, porque, apesar de ser mais baixo que o meu primo, era bom de luta. E *poof*, deu-lhe um soco e depois outro. Aí eu achei que já era demais. Eu tinha que fazer alguma coisa e pulei nas costas dele como a Juli.

E fiquei agarrada lá como a mulher-aranha, que eu nem sei se existe. O espião começou a girar comigo e segurou as minhas pernas que prendiam a cintura dele como a mulher-jibóia. Ele é forte mesmo! E conseguiu me jogar no chão. Mas aí já tinha dado tempo para o Mozart se recuperar e sair batendo nele outra vez.

O espião revidou um soco do meu primo e correu para as bandas do rio. O Mozart se levantou e fomos atrás dele.

A Karen acha que uma menina não pode fazer o que eu faço. Ela diz que não é feminino. Eu nem ligo. A mãe de uma menina da escola apanha sempre que o marido chega nervoso em casa. Se você não aprende a lutar quando é pequena, vai acabar apanhando quando virar gente grande.

Peguei um pedaço de pau e o Mozart agarrou as algemas.

— E agora! — avisou.

Quando nós encurralamos o homem lá embaixo, na beira do rio, o meu primo gritou:

— Daqui você não passa!

O espião olhou para o Mozart e depois para mim. Tentou fugir, mas ao passar por mim eu lhe apliquei uma boa paulada no joelho. Ele deu meia-volta, arrancou o casaco, se jogou no rio e saiu nadando para a outra margem.

Na mesma hora, o Mozart arrancou o blusão e a camiseta e também se jogou. E eu não perdi tempo: não arranquei nada e me lancei no rio. Os meus seios estão começando a aparecer e eu tenho vergonha.

No fim, o Mozart provou que é melhor de briga na água que em terra. Ele alcançou o espião e lhe deu quatro caldos. Com a ajuda da mulher-aranha que se transformou em mulher-peixe, veio por trás e se grudou no pescoço do homem. Nós saímos do Biergarten totalmente molhados. O espião estava algemado e amarrado com a fita que eu acabei emprestando para o Mozart, que me prometeu uma nova.

— Vamos para a fábrica! — comandou o meu primo.

Fiz sinal para um táxi, enquanto o Mozart segurava muito bem o espião. Aquele era um espião muito perigoso e esperto.

— Só levo se prometerem não sair correndo! — falou o taxista.

Era o alemão outra vez.

— Ei, não vou carregar ninguém amarrado no meu táxi — ele avisou.

O Mozart explicou que o homem só estava amarrado porque era o espião da cervejaria dos Schmidts e que ele tentaria fugir se fosse desamarrado.

— A cerveja Schmidt é a melhor cerveja do mundo! Se tivessem me dito, eu ajudava vocês logo no início — falou o alemão.

E ele ajudou a enfiar o homem dentro do táxi. O espião não parava de gritar que aquilo era um seqüestro. Nunca vi espião gritar e armar tanto escândalo quando é apanhado. Nos filmes, eles têm muito mais classe, como diria a vovó. Só quando eu mostrei o pedaço de pau é que ele ficou quieto.

- Para a fábrica dos Schmidts! — ordenou meu primo.
- E depressa porque a reunião deve estar começando!

36. A Revelação

Ainda bem que o taxista gostava da cerveja Schmidt. Se não fosse ele, não sei como a gente iria carregar o espião até a sala de reunião.

O Mozart abriu a porta da sala de um golpe só.

— Está aí o espião! — ele disse. — Foi ele que tentou envenenar o "seu" Hans!

Interrompidos e surpresos, todos na sala olhavam para nós. Foi fantástico!

— Fabrício! O que você faz aqui? — era a dona Charlotte que se levantou da sua cadeira e pôs as mãos na cintura.

O Mozart me cutucou.

— Eu não disse que havia uma conexão entre eles? — cochichou o meu primo.

O espião começou a gaguejar alguma coisa, o Peter e a Priscila a falar entre si, minha irmã perguntou não sei o quê para o Mozart e, de repente, a reunião parecia sala de aula enquanto o professor não vem. Só o "seu" Hans estava em silêncio.

— Basta, basta! — o velho gritou, pedindo silêncio. — Charlotte, você conhece esse homem? — perguntou.

A minha professora fez que sim com a cabeça. "Seu" Hans mandou a filha explicar tudo.

— Eu o conheci quando fui a São Paulo para aquele congresso de geografia. Num dos dias, participei de uma entrevista numa rádio qualquer e conheci este homem.

— Rádio qualquer, não! — interrompeu o espião. — Tem nome: é a rádio Musical FM, e o dono dela sou eu!

"Seu" Hans fez um sinal:

— Continue, Charlotte.

— Nós começamos a namorar. Por isso eu demorei para voltar de São Paulo, pai. Mas acontece que eu descobri que esse homem não passa de um sem— vergonha, um dom-juan de araque!

— Nem sem-vergonha, nem dom-juan de araque, Charlotte. Estou tentando lhe explicar e você não me deixa! Está tudo aqui!

— E o espião retirou do bolso um envelope encharcado de água do rio Itajaí. — Eu tentei lhe entregar e você não quis receber este envelope. A mulher que você viu comigo é a minha irmã caçula. Neste envelope estão a fotografia dela e todos os documentos que provam isso. Eu sou apaixonado por você, Charlotte.

A Tina e o Mozart ficaram petrificados no lugar. E eu finalmente entendi de onde vinha a impressão de conhecer a dona Charlotte. Ela era a senhora que estava na minha frente no dia em que eu fui visitar o trabalho da minha irmã! E o envelope! O Zelé e o Quaquá tinham que saber disso!

— O senhor é dono de rádio? De rádio com anúncio, música e noticiário? — perguntou o "seu" Hans com um quê estranho no olhar.

O Fabrício disse que sim. E que ele estava apaixonado pela dona Charlotte e iria até o fim do mundo para conseguir que ela voltasse a namorar com ele.

— Mas, minha filha — falou o "seu" Hans — por que você não abre logo esse envelope e resolve de uma vez o que vai fazer?

Dona Charlotte ficou sem jeito.

— Está bem, Fabrício. Vou acreditar em você. Pode ficar com o envelope, eu não pretendo abri-lo. Nessas coisas de amor ou se acredita ou não. Aqui não cabem as documentações. A sua persistência demonstra a força dos seus sentimentos.

— Não só dos sentimentos mas do braço dele também — falou o Mozart. — Ele bate bem e forte — disse o meu primo com medo de que esquecessem a própria proeza. Que na verdade é dele e é minha também. Ele não ia conseguir dar aqueles caldos no espião se não fosse a mulher-peixe!

— O quê? Fabrício, você bateu nele? — dona Charlotte apontou o Mozart.

— Fui obrigado — ele começou a se desculpar.

— Talvez o Mozart merecesse mesmo um puxão de orelha para não se meter onde não é chamado — comentou a dona Charlotte.

Tratei de bater o meu carimbo *C.Q.D.* Sempre desconfiei que ela não gostava do Mozart.

— A reunião fica transferida para a tarde! — avisou "seu" Hans. — À tarde, anunciarei a minha decisão sobre o projeto da senhorita doutora Priscila. E a convido a almoçar comigo.

37. Conexão Infernal

Durante o almoço, meu pai aproveitou para se divertir às custas do meu primo e da história do espião. Ele jamais vai admitir que chegou a acreditar nela.

— A caixa de bombons deve ter sido enviada pelo Fabrício para a Charlotte. Mas como o "seu" Hans é guloso, ele deve ter surrupiado da filha e comido tanto chocolate que acabou passando mal — comentou a minha mãe.

— Por isso a Charlotte ficou tão zangada quando o Mozart apareceu com o delegado para verificar se os bombons enviados tinham arsênico — observou papai.

O Mozart tratou de se defender:

— Todas as minhas conclusões foram corretíssimas — começou ele. — Como é que eu podia imaginar que esse Fabrício ficou tão apaixonado pela Charlotte que veio espioná-la aqui, em Blumenau?

— Eu quero as minhas algemas! — esperneava o Teco.

— Não precisa chorar, Teco. Vou comprar umas algemas lindas para você hoje mesmo — prometeu meu primo.

A verdade é que a Tina e o Mozart estavam deprimidos.

— Nós vamos voltar para São Paulo depois de amanhã — anunciou minha irmã na hora do cafezinho. — A Priscila volta conosco. Nós vamos procurar emprego na próxima semana e o Mozart vai se matricular num cursinho.

Fiquei triste. A vida com eles é mais doida, mas também mais divertida.

Depois do almoço, a Tina voltou para a fábrica com a mamãe. E o Mozart saiu para comprar as algemas do Teco e uma fita nova para o meu cabelo.

Às duas da tarde, eu estava estudando alemão com o Zelé e o Quaqué.

— Quer dizer que o espião era um namorado da dona Charlotte — riu-se o Zelé. — Que confusão!

— Namorado, não — corriji. — Apaixonado. Acho que era por isso que ele aparecia e sumia. Ele voltava para São Paulo para trabalhar e, quando podia, pegava um avião e vinha para cá, tentar convencer a dona Charlotte que a mulher que ela viu com ele era a irmã dele...

— Me-me-meu pai va-vai ficar fu-fu-furioso com o-o-o Momo-mozart, quando so-so-souber dos bom-bombons! — gaguejou o Quaqué.

*

Tocou o telefone. Era a Priscila, pedindo para eu levar a pasta dela até a fábrica. Ela tinha vindo em casa tomar um banho antes do almoço com o "seu" Hans e havia esquecido a pasta aqui.

Foi assim que eu fui para a fábrica antes da reunião em que "seu" Hans ia anunciar a decisão dele.

Eu, mais o Zelé e o Quaqué, claro. Nós encontramos a Tina preparando a sala para a reunião.

Às três horas os sócios começaram a chegar. A primeira foi dona Charlotte. Ela olhou para mim e disse:

— Você faltou na aula de novo. E o que vocês dois estão fazendo aqui? — perguntou para o Zelé e o Quaqué.

— Nó-nós vi-vimos com a Fafá — gaguejou o Quaqué.

— Se não estão fazendo nada, podem ir embora — mandou a nossa professora.

A dona Charlotte tem fama de brava. Nós achamos que o "espião" é mesmo muito corajoso de ir atrás dela... O Quaqué jurou que ele nunca ia se apaixonar por uma mulher brava. No fim, meus amigos pegaram os livros e foram embora. Eu também ia, mas a Tina pediu para eu apontar uns lápis para a reunião e eu fiquei.

O segundo sócio a aparecer foi o "seu" Hans, mas sozinho!

— A Priscila não veio com o senhor? — perguntei. — Ela me pediu para trazer a pasta dela.

— Não... Lamentavelmente, eu não pude almoçar com ela, mas o Peter me substituiu — falou o "seu" Hans com ar de quem não lamentava coisa nenhuma.

A Tina me lançou um olhar de entendimento. O de número quatro, que é o mais importante. Significa que algo oculto está acontecendo e, pior, nós não sabemos exatamente o quê.

Dali a instantes apareceram a Priscila e o Peter. Não estavam mais corados. Nem carrancudos. Talvez sérios. Tinham uma chispa nos olhos, mas diferente daquela de quando a Priscila queria matar a minha irmã. Depois, muito depois, quando eu contei para a mamãe, ela me disse que é questão de tempo para aparecer alguém na minha vida e fazer brotar uma chispa igual nos meus olhos.

— Fafá, você fica aqui, que eu vou ter que participar da reunião e fazer a ata. Não deixe ninguém interromper — pediu minha irmã, me deixando sozinha lá na secretaria.

Abri meus livros de alemão, quando tocou o telefone. Eu não sabia se devia atender ou não, mas acabei fazendo como eu via a dona Josefina

fazer:

— Fábrica de Cervejas Schmidt, boa tarde.

— Fafá, o que você está fazendo aí? — era o Mozart.

Eu expliquei. Ele pediu para falar com a Tina.

— Ela já entrou em reunião e diz que não é para interromper — avisei.

— Mas é importante. E urgente! — insistiu meu primo.

Eu fui firme. Encarnei a dona Charlotte e disse que não. Ordens são ordens. E, além disso, eu ia morrer de vergonha de interromper uma reunião para dizer que o Mozart queria falar com a Tina.

Dali a meia hora aparece o meu primo.

— Ei, o que você está fazendo? — gritei.

O Mozart estava entrando na sala de reunião. A Tina ia me matar por ter deixado o meu primo entrar.

Parecia que eu já tinha vivido aquela cena. A reunião interrompida, todos mudos de espanto, olhando para o Mozart. Meu primo estava ficando especialista em interrupções.

— Tina, tenho que falar com você! É importante!

— Eu não posso — falou minha irmã meio nervosa.

— Vá, minha filha — disse o "seu" Hans. — O Peter e a Charlotte dividem essa tarefa.

Fora da sala, a Tina quase esganou o Mozart:

— Está louco, o que deu em você?

— Venha, Tina. Nós temos uma importante reunião.

— Nós, reunião? Com quem, para quê?

— Para o nosso futuro estágio, boba! De apresentadora para você e DJ para mim!

A Tina deu um grito de felicidade.

— Eu estava na loja procurando as algemas do Teco quando vi do outro lado da vitrine, na rua, o "espião". Ele também me viu e entrou na loja. Eu tentei me esconder, porque achava que ele estava bravo comigo. Mas não. Ele disse que, se não fosse eu, ele jamais iria conseguir que a Charlotte o ouvisse. E ele queria me agradecer. Aí eu contei da rádio. E ele prometeu um estágio com supervisão para nós. Se tudo der certo, nós seremos contratados!

No jantar, nós soubemos que a decisão do "seu" Hans foi a de esperar mais um pouco. Eu pensei que a Priscila ia se aborrecer, mas ela

não estava nem um pouco triste.

E o "seu" Hans me explicou, na festa de casamento do Peter e da Priscila, qual tinha sido o plano dele: que o Peter e a Priscila se casassem e a Priscila se encarregasse da modernização da fábrica pessoalmente. Isso lhe daria netos e economizaria dinheiro.

Falou também que estava torcendo para que a dona Charlotte e o "seu" Fabrício namorassem de verdade. Assim, teria publicidade da cerveja Schmidt em São Paulo, a custo zero, como ele me disse.

No domingo seguinte à reunião, a Tina e o Mozart se despediram de nós. Eles começariam o estágio na segunda, na Musical FM.

— Tchau, Fafá — me disseram: — Nas férias, você vem nos visitar. E será nossa convidada de honra no programa que nós vamos fazer, assim que nos contratarem.

Fiquei desconfiada. Nunca se sabe o que pode acontecer com aqueles dois por perto.

— E que programa é esse? — eu quis saber.

— De rock! — gritou o Mozart, já entrando na Brasília da minha irmã.

— E vai se chamar Conexão Infernal! — berrou a Tina. — Não é um nome maravilhoso?

Eu acenei um adeus para eles. Conexão Infernal? Pode ser que dê certo. E, se der, eu prometo bater o meu *C.Q.D.* em cima.



— Fafá, você será nossa convidada de honra no programa que nós vamos fazer, assim que nos contratarem — anunciou Mozart.

Fim